

MORTO NÃO FALA

Roteiro de Dennison Ramalho e Cláudia Jouvin

Baseado em um conto de Marco de Castro

25/02/2016

CENA 1 - INT. RABECÃO, EM MOVIMENTO - NOITE

SOBRE BLACK--

REPÓRTER RADIOFÔNICO (OFF)

É isso aí, Beltrão! A Paulista virou um mar
Corintiano! A CET estima a presença de 25 mil
torcedores por aqui! A final foi dura. O Palmeiras
jogou bonito, lutou bastante, mas-- morreu na
praia--

A voz do repórter toca no rádio de um veículo em movimento, no qual um HOMEM NEGRO (40) jaz estirado numa grande BANDEJA DE METAL. Está morto. O corpo é sacudido por solavancos. Do lado de fora, sirenes e o ronco do motor em alta velocidade. VALDIR (50), funcionário do IML, rasga à tesoura a camiseta do Palmeiras que o falecido veste. O peito é revelado, cravejado de FACADAS. O sacolejo do rabeção em uma LOMBADA faz sangue esguichar no rosto do "papa-defunto".

VALDIR

Aputaqueopariu, Capela!

CAPELA

(ao volante) Os mano não pinta os bagulho na pista,
como é que eu vou enxergar?!

Valdir limpa o rosto.

VALDIR

Segura o pé de chumbo, ô péla-saco!

CAPELA (25), o motorista, vira os olhos, irritado com a reprimenda.

VALDIR

Que horas são?

CAPELA

Tá vendo que eu tô guiando, não? (tira o CELULAR do bolso) Vinte pras três--

VALDIR

Vamo pro IML.

CAPELA

Que IML, mestrão? Tô se encaminhando pro "almoço"!

A sirene é desligada.

VALDIR

Tá lavado de sangue aqui atrás! Vai pro IML!

Capela solta um riso maroto.

MOTORISTA

Agora jaé, mano-- Tô se encaminhando pro Feijão--

A ambulância acelera pela madrugada.

CENA 2 - INT. INSTITUTO MÉDICO LEGAL DA ZONA LESTE (IML LESTE) - NOITE

Uma MACA desliza pelo corredor do IML LESTE, parada final dos mortos dessa violenta área da metrópole. O prédio é depauperado, superlotado de cadáveres em macas, ou no chão. Na Sala de Autópsia, STÊNIO (38, auxiliar de legista) lava restos de sangue de uma mesa de autópsia com uma mangueira pressurizada. O Palmeirense chega, trazido por Valdir e Capela.

CAPELA

Aqui que é o lava-rápido de peru?

Stênio ri. Capela atira uma papelada sobre o cadáver.

CAPELA

Ó, esse aqui tá suave! Dr. Gouveia mal vai ter que abrir.

Stênio olha o cadáver perfurado.

Stênio

Uia! Tá queijo suíço!

VALDIR

Palmeirense-- ó-- (estala as mãos no famoso gesto de "se fodeu") DEDETIZADO!

Valdir ajuda Stênio a erguer o cadáver da maca para a mesa. Capela ruma para a porta.

CAPELA

Pra mim deu por hoje! Ó Stênio: peru bem lavadinho, hein?!

STÊNIO

Vai, Capela! Vaza que o pé-de-pano já tá na hora

extra com a tua patroa, vai!

Valdir e Capela saem aos risos. Deixado a sós, Stênio fita o Palmeirense. Toma uma trena e começa a medir o corpo.

STÊNIO

(para o CADÁVER) E tudo por causa de futebol-- Uma finura, hein? Pff.

Stênio descarta as roupas e saca o mangueirão. Nisso--

PALMEIRENSE

Aqui é o hospital? Me levaram pro hospital?

Stênio aproxima-se, imperturbado pelo fato do morto estar FALANDO. Os OLHOS e a BOCA do falecido assumem movimento, mínimo. Já o resto do corpo permanece na paralisia da morte.

STÊNIO

Negativo. Aqui é o fim da linha, parceiro. Cê passou pro outro lado. Sinto muito--

Um silêncio baixa entre os dois. Chocado com a revelação, o Palmeirense esbraveja, com a voz embargada--

PALMEIRENSE

Que papo é esse de "outro lado", truta? Vou é voltar lá no bar! Gambá vagabundo veio tirar onda, puxar faca pro meu filho. Vou voltar lá, vou zoar aquele nóia!

Nisso, o cadáver pausa, assaltado por uma lembrança assustadora--

PALMEIRENSE

Cadê o meu menino? E, e-- que cheiro é esse?!

STÊNIO

É o teu sangue. Cê não vai pra lugar nenhum, não. Acabou.

Os olhos do Palmeirense reviram nas órbitas, confuso.

PALMEIRENSE

Então-- é isso?

Stênio assente, solidário.

PALMEIRENSE

Eu tenho família, mano-- eles têm que saber!

Stênio revira os bolsos da CALÇA do cadáver.

STÊNIO

Cadê teus documento?

O morto se desespera--

PALMEIRENSE

Pelamor de Deus, véio! Chama minha mulher! Eu não quero ir pra vala dos mendigo! Eles têm que saber!

Stênio toca o ombro do falecido.

STÊNIO

Shh. Calma. Me fala--

Ele aproxima seu ouvido da boca do homem.

STÊNIO

-- qual é que é teu nome?

CENA 3 - INT. IML LESTE - NOITE

Do lado de fora das janelas a escuridão da noite dá lugar ao dia. Em sua escrivaninha, cansado, Stênio faz uma ligação--

STÊNIO

Bom dia-- Por favor, a Dona Edna? -- Dona Edna, eu tô ligando a respeito do seu esposo, o Seu--

Stênio olha o nome do morto num pedaço de papel.

STÊNIO

-- Seu Valdeci. O meu nome é STÊNIO, eu trabalho pro INSTITUTO MÉDICO LEGAL.

ABERTURA: LETREIROS DE TÍTULO E CRÉDITOS INICIAIS.

CENA 4 - INT. PADARIA COPA INDEPENDÊNCIA - DIA

Enquanto os fregueses tomam café da manhã, Stênio vira uma dose de PINGA. Um BALCONISTA reabastece seu copo. JAIME (45), o dono, chega trazendo dois espetos de frango para assar.

JAIME

(p/ BALCONISTA) Ó, Tôco, carrega lá o forno. Bom dia, Seu Stênio.

Stênio sorri.

STÊNIO

Acordou feliz ou triste, Seu Jaime?

JAIME

Tá falando da Final? Não ligo pra futebol, não. E aí, vai precisar ler o cartaz hoje?

Atrás de Jaime, um cartaz avisa: "FIADO, NEM REBOLANDO".

STÊNIO

Putz, então: eu recebo na quinta. O senhor segura mais essa pra mim?

Jaime meneia a cabeça, aborrecido. Chega junto--

JAIME

Olha, eu tô querendo-- melhorar o nível da freguesia aqui, sabe? Aqui é comércio. Caridade é na igreja. Mas pro senhor, só pro senhor, eu deixo uma última.

STÊNIO

Pô, não precisa falar assim também, né Seu Jaime!

Jaime olha por cima do ombro de Stênio. A chegada de alguém interrompe o sermão--

JAIME

(p/ ALGUÉM FORA-DE-QUADRO) A gente abre às cinco, esqueceu?

O alvo da bronca é LARA (23), filha de Jaime, que chega carregada de sacolas de ROUPA SUJA.

LARA

E você, esqueceu que são três ônibus do hospital pra cá? E que era pra você ter ido ontem? Afe!

Lara passa para o outro lado do balcão, veste o avental da padaria. Jaime deixa Stênio e vai até a filha, que evita olhá-lo, emburrada.

JAIME

Como é que tá a Sônia?

LARA

Cê quer saber mesmo, ou tá pagando de preocupado?

JAIME

Dá pra você só me contar? Sem fazer cena?

LARA

Ela tá perdendo muito peso. E o Dr. Marcelo veio perguntar do boleto do mês passado. Tá tudo certo, né?

Jaime baixa o olhar, envergonhado.

LARA

Ah não, pai. Não me diz que você não pagou outra vez--

A embaraçosa conversa prossegue, testemunhada por Stênio. Ele foca na moça - uma beleza inocente, amadurecida por uma vida turbulenta. Lara percebe, lança um olhar severo na direção de Stênio. O papa-defuntos se retrai e, encabulado, deixa o local.

CENA 5 - INT. CASA DE STÊNIO/ SALA - DIA

Uma TV de tubo passa um programa infantil. CIÇA (6), a filha caçula de Stênio, assiste desenhos. O papa-defuntos chega em casa, exausto--

STÊNIO

Oi, né?

-- e, na maior folga, deita a cabeça no colo da filha.

STÊNIO

Mãozinha, mãozinha! Cadê os piolho escondido?

A menina vira os olhos, entendendo o código para "cafuné na cabeça do pai". Os olhos de Stênio pesam de sono.

STÊNIO

Cadê o povo?

CIÇA

Lá dentro. O Edson aprontou. A vizinha veio reclamar. A mãe levou ele pro quarto. Ele--

Antes de ouvir a resposta, Stênio já RONCA. A menina segue acariciando o pai, de olho na TV. Nisso, ODETE (38), esposa de Stênio, chega à sala. Ao ver o marido dormindo, desfere um tapão que desloca seus pés do sofá. Stênio desperta, sobressaltado.

ODETE

Cheira o sofá! Sério: Cheira!

Ele se inspeciona, e baixa o olhar quando cai a ficha: deitou no sofá com as roupas (malcheirosas) do trabalho.

STÊNIO

Foi mal. Já tô indo dormir.

ODETE

Você sabe o que é isso?!

Odete mostra a Stênio um CARRETEL DE LINHA. Stênio dá de ombros.

ODETE
É linha com CEROL! Isso aqui corta mais que navalha!
E sabe quem anda fazendo? Pra vender pra molecada
roubar pipa na rua? Teu filho!

STÊNIO
Calma, explica isso direito.

EDSON (10, o filho mais velho de Stênio) chega, vindo do quarto.

ODETE
Quem disse que era pra sair do quarto? Pode voltar!

Edson dá meia-volta, grunhindo--

EDSON
Bosta.

STÊNIO
Ô moleque! Volta aqui!

Edson ignora o pai. Odete volta à carga--

ODETE
O Lucas da Carine se cortou feio! A gente quase foi
parar na delegacia!

Ela ajoelha-se para cheirar o sofá, acotovelando Stênio para fora.

ODETE
E aí, vai ficar só olhando com essa cara de besta?!

Stênio dá de ombros e sai. Odete grunhe, pelas costas--

ODETE
Frouxo desgraçado.

CENA 6 - INT. CASA DE STÊNIO/ QUARTO DE STÊNIO - NOITE

Stênio dorme. Batidas na porta o despertam.

ODETE (o.S.)
Vem comer.

CENA 7 - INT. CASA DE STÊNIO/ COZINHA - NOITE

Stênio termina um lanche, enquanto Odete lava as panelas
assobiando um FORRÓ UNIVERSITÁRIO que toca num radinho. Ele dá
falta dos meninos.

STÊNIO
Eles tão na Doracy de novo, Dete?

ODETE
O Binôco ganhou videogame. Eles foram lá ver.

Stênio dá uma espiada no traseiro da patroa. Chega junto, agarrando os quadris e cantarolando o Forró baixinho. Odete se contorce.

ODETE
Cê vai perder a hora.

STÊNIO
Tranquilo. Eu fiquei até mais tarde ontem.

Odete recua.

ODETE
Ai, para!

STÊNIO
O quê que houve? Foi o sofá?

ODETE
Vai trabalhar, vai. Eu não tô boa hoje.

Stênio suspira, frustrado.

CENA 8 - INT. IML LESTE - NOITE - MONTAGEM

Stênio lava cadáveres, tranca outros na geladeira, fuma do lado de fora, joga palavras-cruzadas. Depois, conversa com outro defunto, um HOMEM OBESO, que mal cabe na mesa da autópsia. O presunto fala com os lábios trêmulos.

DEFUNTO OBESO
Será que eu vou pro inferno?

STÊNIO
Cê matou, roubou, comeu a mulher do próximo? Judiou de criança?

Defunto obeso
Nem!

STÊNIO
Torcia pra quem?

DEFUNTO OBESO
Ãh?-- Pro Juventus.

STÊNIO
Juventus?! Rapaz, cê vai pro céu! Do purgatório cê já passou!

Stênio assina o recebimento de mais um corpo. Lava outro. Conversa com um IDOSO, todo costurado da autópsia.

STÊNIO
(gargalha) Ah, vá?!

DEFUNTO IDOSO
Tô falando!

STÊNIO
Em cima da menina?

DEFUNTO IDOSO
22 aninhos.

STÊNIO
Vai pensando na novinha que daqui a pouco cê vai se encher de gás e ó--

Stênio sobe o dedo indicador, gesticulando "ereção".

DEFUNTO IDOSO
Pelamor de Deus, não me entrega assim no velório!

Stênio ergue uma serra cranial, rindo.

STÊNIO
Ih, só cortando, patrão! Danou-se!

CENA 9 - INT. IML LESTE/ SALA DE NECRÓPSIA - NOITE

DR. GOUVÊIA (48, o legista-chefe) finaliza uma necrópsia assistido por Stênio. Ele recoloca a tampa do crânio sobre o cérebro exposto de um RAPAZ NEGRO. O corpo está desfigurado: dois tiros no rosto e mais meia-dúzia no peito. Gouvêia descarta jaleco, máscara, luvas e lava as mãos.

DR. GOUVÊIA
Fui, Stênio. Sutura e encaminha pra resfriar, falou? Descansa aí!

STÊNIO
Pode deixar, Gouvêia. Té amanhã.

Gouvêia sai. Stênio costura o abdômen aberto.

STÊNIO
Os polícia te zeraram?

SUJO
Tá falando com quem?

O cadáver vira os olhos. Fita Stênio, surpreso.

STÊNIO
Relaxa, grande-- Sou polícia não.

SUJO
Como é que tá minha cara?

STÊNIO
Caixão fechado. Tá bonito, não. Cê veio de onde?

SUJO
Cidade Tiradentes. Foi a Rota que me zerou.

STÊNIO
Como é que é teu nome?

SUJO
Sujo.

STÊNIO
Trabalha na boca do Gilvan?

SUJO
Que Gilvan, truta? Sou vida lôca! Sou irmão do Jonas! Tá perguntando por quê?

Stênio finaliza a sutura.

STÊNIO
Relaxa, maluco. Cai muito malandro morto aqui. Cê tirou uns dias no Cadeião?

SUJO
Como é que cê sabe?

STÊNIO
Tua tattoo! "CDP é 13!"

Stênio passa agora ao crânio, que costura com mais cuidado.

STÊNIO
Como é que te pegaram?

SUJO
Tá sabendo demais da quebrada, cururu! Quem tá te dando o serviço?

STÊNIO

O Tchaca, o Tocha, o Mateus-- Cuidei deles quando caíram aqui que nem tô cuidando de você! Quem foi que te caguetou?

Sujo se cala.

SUJO

Foi o Dentinho. Maldito. Se prepara que esse chega aqui rapidinho. Meu irmão é a morte em pessoa, véi!

STÊNIO

Mas ele sabe que foi o Dentinho?

SUJO

Não. (pausa) Cê é a última voz que eu vou ouvir antes do Satanás, sabia?

STÊNIO

Tá zureta, rapaz?

SUJO

Eu matei meu pai. Eu mais o Jonas, quando a gente era pivete. Véio arrombado batia na nossa mãe. Furamo ele. Três facada no peito e jogamo da ponte lá em Registro. Só a gente e Deus é que sabemo. E Deus não perdoa quem mata pai.

Stênio pausa o trabalho.

SUJO

Mano, cê não pode dar um salve lá na Divineia? Contar pro Jonas do Dentinho? Pelamor de Deus, fera. É minha única chance de se vingar.

Stênio meneia a cabeça.

STÊNIO

Sem chance, meu. Leva a mal, não. Se eu conto aqui o que vocês me contam daí, isso pode me trazer desgraça.

Sujo silencia. Stênio olha o ferimento desfigurando seu rosto.

STÊNIO

Mas, ó: vou ver se o legista da manhã dá uma melhorada no seu rosto, falou?

Stênio cobre o cadáver.

CENA 10 - E/I. RUA E CASA DE STÊNIO - DIA

Stênio sobe a rua onde mora. Chegando em casa, percebe um caminhão

junto ao portão. Odete supervisiona dois CARREGADORES manobrando um SOFÁ DE TRÊS LUGARES porta adentro.

STÊNIO
Que diabo é isso?!

Odete vira os olhos irritada e entra. Stênio vai atrás. os carregadores saem, enquanto Ciça e Edson atiram-se no "recém-chegado", todo envolto em plástico.

STÊNIO
Quem pagou isso? Manda levar de volta! Chama eles lá!

ODETE
Fui eu que comprei! Você é que não ia, né? Pra se jogar, emporcalhar, tudo bem!

Stênio olha o trambolho, arrancando os cabelos. Odete segue para a--

COZINHA, Stênio vem atrás da esposa.

STÊNIO
Eu me lasco pra garantir o do aluguel, e cê gastando na surdina? De onde é que veio essa grana?

ODETE
Do meu trabalho!

STÊNIO
Que trabalho, criatura?!

ODETE
Eu ajudo a Doracy a enrolar docinho!

STÊNIO
Porra, haja docinho pra pagar esse sofá. Fala logo, Dete. Me diz a verdade.

ODETE
Cê vai desdenhar do meu trabalho, é?!

STÊNIO
Dinheiro desse tamanho não aparece assim.

Odete bufa, evita os olhos de Stênio.

ODETE
(grunhe) Eu fiz crediário.

Stênio empalidece.

STÊNIO
Cê tá doida?! E quem vai pagar?!

ODETE
Eu tô é por aqui de tanta dificuldade! E de você que não melhora de vida, não me trata bem e empesteia a minha casa! Eu tô com NOJO! Nojo de você!!!

Stênio cora de vergonha ao ver que as crianças observaram a humilhação. Odete não baixa a crista. Stênio sai para o quarto.

CENA 11 - EXT. ÔNIBUS - NOITE

Stênio cochila no ônibus. Acorda com os solavancos no asfalto.

CENA 12 - INT. IML LESTE - NOITE

Stênio cochila numa maca, bem no meio dos defuntos.

CAPELA (OFF) (sussurra)
Shhhh! Chega devagar, calma.

Capela e Valdir rolam uma maca com um cadáver para perto de Stênio, na surdina. Eles sentam o presunto. É um HOMEM JOVEM, FORTE E TATUADO. Os fanfarrões alinham a cintura do defunto nu junto ao rosto de Stênio. Não vemos o cadáver de frente. Capela acorda Stênio com um soprão no ouvido. O papa-defuntos arregala os olhos ao ver o "equipamento" do falecido.

STÊNIO
Queisso?!

Capela e Valdir gargalham. Stênio fecha a cara.

STÊNIO
Qualé, Valdir! Tá me estranhando?! Tem mais o que fazer não, seus babaca?!

Os marmanjos cambaleiam aos risos! Stênio se afasta.

CENA 13 - INT. IML LESTE - NOITE - MOMENTOS DEPOIS

Stênio senta próximo ao cadáver do fortão. O finado está coberto com um lençol e só o reconhecemos porque um dos braços tatuados pende da beirada da maca. O presunto ri.

DEFUNTO TATUADO
Tinha que ver a tua cara de goiaba quando viu o tamanho do turbo véio! (risos) Stênio--

Stênio arqueia as sombrancelhas--

STÊNIO
Eu te conheço, vagabundo?

Ele descobre o cadáver.

CARLÃO
Vila Gustavo na área, irmão! Sumemo!

É CARLÃO (35), malandro folgado, emérito comedor de mulheres casadas da vizinhança de Stênio.

STÊNIO
(reconhece o falecido) Cacete. Logo no meu plantão?!

CARLÃO
(debocha) Vim puxar teu pé! Sou filho de Exu Caveira e Zé Pilintra! Fica falando com morto? Vou mijar no teu ouvido!

STÊNIO
Que cê aprontou?

CARLÃO
Só roubando coração!

STÊNIO
Da mulher dos outros, tá na cara! Fica de sacanagem, vai despachado assim, antes da hora!

CARLÃO
Tô preocupado com isso não, cumpádi! O importante é o sentimento! Ela vai dormir com o olho roxo, mas sonhando com o Carlão!

STÊNIO
Eu tenho pena é da tua mãe.

CARLÃO
Ihhhh, perdeu o respeito, malandro?

STÊNIO
Malandro uma ova! A "malandragem" acaba tudo deitada aqui! Cês apronta, toma facada e o trabalhador aqui é quem costura e enterra!

CARLÃO
Porque é otário! Eu aproveitei minha vida como quis, e a mulherada sempre curtiu o estilo. Melhor que você, que rala lavando defunto enquanto tua mulher te mete chifre de baciada!

Stênio pasma.

STÊNIO
Que cê falou?

Dr. Gouvêia chega ao turno.

DR. GOUVEIA
Fala, Stênio. Tá tudo no jeito?

Stênio se vira. O legista veste o jaleco. Stênio segue paralisado. Carlão está estático, um defunto normal, imóvel.

STÊNIO
Quê? Não-- É, falta lavar a mesa.

DR. GOUVEIA
Então prepara tudo que eu vou tomar um cafezinho.

Dr. Gouvêia sai. Stênio parte pra cima de Carlão, segura o rosto do cadáver, furioso.

STÊNIO
Que papo é esse, Carlão? É da minha mulher que cê tá falando!

CARLÃO
Tá macho é, chapéu de zebu? Cê devia descontar no cara certo! Queria ver tu crescer desse jeito pra cima do Jaime.

Stênio dá um passo pra trás.

STÊNIO
Que Jaime? O maluco da padaria?

CARLÃO
É, esse mesmo. Porra, tu entende patavina de mulher, hein cabeça? Cê não repara nas roupa da Odete? Nos penduricalho que ela usa? Quem cê acha que banca essas parada?

STÊNIO
Caraca-- O sofá!

CARLÃO
Quê?!

STÊNIO
Nada. (T) Faz tempo isso?

CARLÃO
Tamo em-- janeiro? Ó, no Natal ano passado-- Não! No

outro ano-- Eu vi eles-- Não! Peraí. Eu vi eles antes, também, lá na Cantareira!

STÊNIO
Chega, porra!

CARLÃO
E aí, cê vai engolir o sapão, véi? Vai fazer o que?

Stênio sai enlouquecido.

CENA 14 - INT. PADARIA COPA INDEPENDÊNCIA - DIA

Stênio se debruça sobre meia-dúzia de copos vazios no balcão. Ele olha para o Caixa, onde Jaime acerta as comandas dos fregueses. Ato contínuo, levanta-se e toma a fila. Logo chega a sua vez.

JAIME
Tá de folga, Seu Stênio?

Stênio mente que sim. Jaime batuca a conta no caixa.

JAIME
Nove e vinte e cinco.

Stênio abre a carteira: tem dinheiro ali. Inclusive uma nota de cem Reais. O papa-defuntos olha Jaime de soslaio. O comerciante espera o pagamento. Stênio lhe passa uma nota de cinco reais.

STÊNIO
Só um instantinho.

Stênio cata moedas nos bolsos. Jaime vira os olhos. Por fim, Stênio entrega os trocados. Jaime conta.

JAIME
Ainda falta três e setenta e cinco.

Agora Stênio olha Jaime no olho.

STÊNIO
Posso acertar amanhã?

Jaime suspira irritado.

JAIME
Ihhh, vai dar não, Seu Stênio. Você nem pagou o que tá devendo aqui ainda.

STÊNIO
Pendura aí, que amanhã eu acerto.

Jaime chega junto. Está adorando.

JAIME

Seu Stênio, olha-- o meu negócio não é posto do bolsa-cachaça, não. Isso acabou. Agora cachaceiro sem dinheiro, trabalhador sem dinheiro, aqui, nesse Caixa, é tudo igual!

Stênio pasma com a humilhação, refreando o ódio.

STÊNIO

Então como fica?

JAIME

O senhor tem como deixar uma caução? Um relógio? Celular?

Os fregueses na fila resmungam.

JAIME

Acabou a anarquia, Seu Stênio. Aqui bebeu, aqui pagou. Vamo manter o nível.

Stênio pousa o celular velho no caixa. Por fim, deixa a padaria, encarando Jaime com tamanha fúria que o próprio comerciante chega a se intimidar.

CENA 15 - INT. RUA - ENTARDECER

Stênio fala ao telefone, de um orelhão.

STÊNIO

Então: não vou poder ir hoje, não. Tô com pontada no peito e falta de ar. Vou lá na Santa Casa ver o que é-- Pode deixar, Gouvêia. Deve ser pressão, sei lá. Foi mal-- É que eu tô ruinzão mesmo. Firmeza?

Stênio desliga. Respira pesado, com sangue nos olhos.

CENA 16 - INT. CASA DE STÊNIO/ QUARTO DAS CRIANÇAS - NOITE

Odete entra no quarto das crianças, já prontas para dormir. Ela está arrumada e pronta para sair.

CIÇA

(em prantos) Não, mãe! Fica!

ODETE

Ai Ciça! Sem drama vai! Só vou ali na Doracy um pouquinho e já volto! Ó, ouve a historinha!

Ela liga um CD de histórias infantis para ninar os pequenos ("A História da Dona Baratinha", na sinistra gravação da Coleção Disquinho). A seguir, ela apaga as luzes

ODETE

Quando eu voltar, quero todo mundo roncando!
Beijinho!

CENA 17 - EXT. CONSTRUÇÃO EM FRENTE À CASA DE STÊNIO - NOITE

Por trás da mureta de uma construção, Stênio espia sua casa. Já é noite, alguns vizinhos batem papo e traçam churrasquinho com cerveja na calçada.

As luzes da casa se apagam. A porta da frente abre e Odete sai, gostosa de parar o trânsito. Ela tranca tudo e ruma para a esquina. Stênio segue os movimentos. Os maloqueiros do churrasquinho soltam grunhidos e risos maliciosos para ela.

Na esquina, um CARRO POPULAR VERMELHO aguarda. No volante, o Jaime da padaria. Odete entra, olha pros lados e cola um beijo no padeiro. Stênio morde a mão de ódio! O carro arranca. No que some de vista, Stênio chora e bate a testa na mureta.

CENA 18 - EXT. VILA GUSTAVO - AMANHECER

Stênio caminha a esmo pelas ruas, arrasado.

CENA 19 - INT. CASA DE STÊNIO/ SALA - DIA

Stênio irrompe porta adentro. Os meninos assistem a TV. No maldito so Stênio muda o canal para um noticiário.

EDSON

Ô pai, qualé? O que a gente fez?

Stênio ignora.

CIÇA

É! Agora a TV é nossa!

Os meninos protestam. Odete vem do quarto, sonolenta. Stênio olha firme para a TV, sentado no chão.

ODETE

Vocês não sabem respeitar o sono dos outros, não?!

STÊNIO

São 10 horas.

ODETE

E daí? Eu dormi mal! Não posso dormir mal?

Stênio não responde.

ODETE

O que cê tá fazendo no chão? Deixa eles assistirem o programa.

STÊNIO

É minha casa. Eu quero ver o jornal.

CIÇA E EDSON

Ô, mãe!

ODETE

SHHHH! (p/ Stênio) Cê não vai sair, né? Tá bom. Então você cuida do almoço e leva eles na escola! Eu vou é dormir. Pra esquecer de vocês!

Odete volta pro quarto, seguida pelos meninos reclamando. Na tela, um casal de apresentadores, prosseguem o noticiário.

APRESENTADOR

Um tiroteio entre quadrilhas provocou pânico na Cidade Tiradentes. A reportagem é de Celso Assunção.

Stênio puxa uma almofada e deita no chão.

REPÓRTER CELSO ASSUNÇÃO

A noite prometia calma nessa Segunda-Feira. Moradores se reuniam neste bar, na Rua Maurício Azeredo, para assistir a abertura da Copa das Confederações. Por volta das 23:30, duas caminhonetes e três motos chegaram e o tumulto começou. Homens armados iniciaram violenta troca de tiros.

Entra na tela um gráfico de fotos.

REPÓRTER CELSO ASSUNÇÃO

O conflito foi entre facções disputando o controle do tráfico na região: o grupo comandado por Gilvan Barreiro, o "Velho", e a quadrilha rival, chefiada por Jonas Cravo Ferreira. O razão do conflito teria sido a vingança pela morte do irmão de Jonas, Manuel Cravo Ferreira, o "Sujo", responsável pela distribuição de entorpecentes na Favela da Divineia.

Uma foto de Sujo ganha a tela.

STÊNIO

Rapaz-- É o Sujo!

REPÓRTER CELSO ASSUNÇÃO

A área está sob intensa vigilância da PM, que teme retaliações--

Stênio baixa o volume, e fixa na imagem de Sujo.

CENA 20 - EXT. FAVELA DIVINEIA - DIA

Um MENINO (13) monta guarda num boteco de favela e uma boca de fumo. Ele porta um revólver na cintura. Alguns moradores bebem cerveja.

Stênio sobe a viela. Deparando-se com o menino armado, se aproxima devagar, de mãos para cima.

STÊNIO

Fala, irmãozinho. Tô procurando o Jonas.

O garoto mede Stênio de cima abaixo.

MENINO DA BOCA

Não conheço nenhum Jonas.

STÊNIO

Aqui é a Divinéia, né? Eu era truta do irmão do Jonas. Fala pra ele que eu sei quem cagüetou o Sujo!

Os vizinhos saem do bar ao ouvirem a revelação.

STÊNIO

Mas só vou falar pra ele.

MENINO DA BOCA

Espera aqui.

O menino sobe apressado por uma viela.

CENA 21 - INT. PADARIA COPA INDEPENDÊNCIA - DIA

Jaime atende fregueses quando nota Odete, acompanhada dos filhos, na porta da padaria. Ela entra, vai direto até ele. As crianças dispersam, vão xeretar os produtos nas gôndolas.

ODETE

Não atende mais o telefone, não?

JAIME

Não vi que você ligou.

ODETE

(levanta a voz) O dia inteiro? Sei--

Jaime olha para os lados, embaraçado.

JAIME
(grunhe) Aqui não.

Alguns fregueses notam o climão. Lara chega dos fundos, percebe o mal-estar.

ODETE
Cê anda estranho. O que tá havendo?

Ciça derruba algumas latas de uma prateleira.

JAIME
(p/ CIÇA) Não mexe aí, não, bem! (p/ ODETE) Depois a gente conversa.

ODETE
Depois quando?

Jaime vira os olhos, aborrecido.

JAIME
Eu ligo.

ODETE
LIGA UM CACETE! E hoje?

Lara atravessa o balcão, aproxima-se de Edson e Ciça.

LARA
Oi.

Os pequenos olham para baixo, envergonhados pela rudeza da mãe.

EDSON
Oi, Lara.

LARA
Vêm cá, vamo comer um bolo de cenoura?

De olho na discussão dos adultos, Lara afasta as crianças.

ODETE
Que 'ver a Sônia no hospital', Jaime! Cê tá é se lixando! Vai mentir, mente direito!

Os vizinhos presentes olham e cochicham.

ODETE
(p/ FREGUESES) Aqui, ó: Deus deu a vida pra cada um

cuidar da sua!

JAIME

(p/ FREGUESES) A senhora gostaria de um panetone, Dona Irene? Cortesia? (p/ ODETE, sussurra) Chega! Cê tá querendo me complicar?

Lara serve bolo para as crianças. Elas mal tocam no mimo.

ODETE

Às oito, na esquina?

Jaime suspira, frustrado.

ODETE

ÀS OITO, NA ESQUINA?

Jaime assente, trincando os dentes.

ODETE

E tenta me dar cano, tenta! Eu volto! Aí cê vai ver barraco mesmo.

Odete passa pelo balcão, e apanha as crianças, apressada. Lara a encara, enojada.

ODETE

Que foi, lindinha, tá incomodada?

Lara não se digna a responder, só desvia o olhar. Odete e as crianças saem de cena. Lara fulmina o pai com o olhar.

CENA 22 - EXT. FAVELA DIVINEIA - DIA

Stênio segue um grupo de GAROTOS DA QUADRILHA (15-18 anos), silenciosos e com cara de poucos amigos. Eles sobem um labirinto de vielas. Por fim chegam a um beco, onde HOMENS ARMADOS aguardam. Stênio estremece. Eles são mais velhos, e um se destaca como o líder: JONAS (30). Ele é o único desarmado.

JONAS

De onde cê conhecia o Sujo?

STÊNIO

(gagueja) Tirei uns dias com ele no CDP. Eu chamo Stênio.

Jonas anda em volta de Stênio, suspeita cada palavra.

JONAS

Ele nunca falou de você.

STÊNIO
Não?

Stênio vacila.

STÊNIO
Pois ele falava direto de você. Que o Jonas era o único vida lôca de verdade na ZL.

Jonas baixa a guarda.

JONAS
Ô Dentinho!

Stênio arregala os olhos à menção daquele apelido. O delator de Sujo se aproxima. DENTINHO (22) é um sujeito magro, descamisado, fuzil a tiracolo. Sua boca é enfeitada por uma dentes tortos, podres e pronunciados. Ele evita olhar Stênio, suando frio.

JONAS
Traz uma cerveja e uma peteca boa de fumo pro nosso visitante.

Dentinho vaza correndo. Stênio relaxa. Um pouco.

CENA 23 - EXT. FAVELA DIVINEIA - DIA

Stênio senta diante de uma mesa de armar, uma cerveja servida à sua frente. Do outro lado, está Jonas.

JONAS
Fala então, o que cê sabe? Quem foi que serviu meu irmão pra Rota?

STÊNIO
Eu tenho um amigo que trampa no IML. Ele é chegado dos meganha, e me contou quando a Rota entregou o Sujo lá. Foi ele que me disse quem foi o rato.

Jonas chega junto.

JONAS
Fala, então.

Dentinho fecha os olhos, em pânico. Stênio percebe.

STÊNIO
Foi um cara lá da Vila Gustavo.

JONAS
Vila Gustavo?

STÊNIO

É. Ele tinha alguma treta com o Sujo. Não sei direito o quê. Ele é dono duma padaria na esquina da Catequese com a Juarez Dagoberto. Chama JAIME.

Dentinho respira aliviado. Jonas avalia a denúncia.

JONAS

Cê tem certeza?

STÊNIO

Cem por cento. Esse maldito tem amizade com os polícia.

Jonas mede Stênio.

JONAS

Eu sou malandro mas sou não sou psicopata. Não tô convencido de quem cê é. Tô pra zerar um desconhecido confiando num estranho. É bom cê saber que ninguém me engana e fica vivo.

STÊNIO

Eu sei que você é sujeito justo.

Stênio hesita, mas atreve-se a chegar perto.

STÊNIO

(sussurra) E com todo respeito-- Quem faz o que você e o Sujo fizeram pra proteger a senhora sua mãe, só pode ser bicho-homem, honrado. Esse rato aí da padaria é canalha e tem que morrer que nem seu falecido pai, três facada no peito e jogado da ponte.

Jonas arregala os olhos. Stênio encara o traficante, firme.

JONAS

Cê falou, tá decretado.

Stênio toma um gole da cerveja e assente.

CENA 24 - EXT. CASA DE STÊNIO - NOITE

Odete, "marvada e montada", sai de casa. Ela refaz o caminho rumo ao carro vermelho de Jaime, que já à espera na esquina.

CENA 25 - INT. IML LESTE - NOITE

Stênio lava o cadáver de uma SENHORA IDOSA (70). Ela geme e olha fixo para o teto.

STÊNIO

Essa dor passa. Toda dor passa.

A velhinha segue gemendo.

STÊNIO

A senhora tá esperando alguém? Algum familiar?

A falecida emudece. Stênio pausa a lavagem, estranha o silêncio. Nisso, recua sobressaltado, deixando a mangueira cair. A velhinha tem os olhos, agora, fixos nos seus. Seu semblante está armado num ricto de ódio. De longe, Stênio observa o cadáver, em cujo rosto, a expressão de ódio permanece.

CENA 26 - INT. QUARTO DE moTEL - NOITE

Jaime e Odete transam, mas algo vai mal. Ele interrompe o coito.

ODETE

Que foi?

Ele a ignora, olha para o teto.

ODETE

Cê ainda tá puto? Olha, eu me-- descontrolei, tá? Não aparecer mais na padaria daquele jeito. Vem cá-- Jaime lhe dá as costas.

JAIME

Não tá rolando. Hoje só consigo ver o nome dos teus filhos aí-- Odete olha para uma pequena TATUAGEM em seu ombro: os nomes de Ciça e Edson em letras cursivas ladeando um coração.

JAIME

E quer saber? É culpa tua! Levar eles lá hoje foi golpe baixo.

Jaime levanta-se e vai ao banheiro, deixando Odete sozinha na cama.

CENA 27 - INT. IML LESTE - NOITE

Stênio ajuda um funcionário de funerária a vestir Carlão. Ao lado, um caixão aguarda o corpo. Carlão é deitado no esquife. Seus olhos estão fechados.

STÊNIO

Vai na paz, Carlão.

Silêncio.

STÊNIO
Carlão? Fala comigo.

Carlão abre os olhos.

CARLÃO
Cê se fodeu, Stênio. Como é que você foi fazer essa merda?

STÊNIO
Do que cê tá falando?

CARLÃO
Segredo de morto é segredo de morte. Cê não podia ter abrido o bico. Agora cê tá marcado.

STÊNIO
Marcado? Como assim, marcado?

FUNERÁRIO (OFF)
Que foi?

Stênio se vira no susto.

FUNERÁRIO
Falou comigo?

Stênio meneia a cabeça, negando. Olha de novo para Carlão. O malandro agora está de olhos fechados, mudo, no repouso da morte.

CENA 28 - EXT. RUA E CARRO DE DENTINHO - NOITE

Jaime acerta a conta no guichê da saída do motel. Do outro lado da rua, Dentinho, ao volante de uma Blazer, acompanha os movimentos do casal. Ele fala num rádio, tipo Nextel.

DENTINHO
O rato deu área.

JONAS
(no rádio) Cola nele.

DENTINHO
Patrão-- Tem uma mulher com ele.

Uma longa pausa antecede a resposta de Jonas.

JONAS
(no rádio) Cola nele!

Dentinho arranca.

CENA 29 - INT. IML LESTE - NOITE

Stênio higieniza utensílios na sala de autópsia. Ao fechar uma torneira uma VOZ MASCULINA quebra a quietude do local--

CADÁVER 1
Você traiu o silêncio, cara.

Stênio se vira. Os corpos estão todos em repouso.

STÊNIO
Quem foi?

Uma VOZ FEMININA ecoa em resposta--

CADÁVER 2
Cê ouviu, verme. Traiu segredo de morte pra correr sangue de vivo. Isso vai voltar.

Vozes de OUTROS MORTOS proferem um coro crescente de acusações --

OUTROS CADÁVERES
MALDITO -- CANALHA!-- VOCÊ TÁ CONDENADO -- VERME!

As acusações e reprovações se multiplicam, criando uma alarido aberrante. Stênio cobre os ouvidos.

STÊNIO
Cala a boca-- CHEGA!!!

Os mortos se calam, a um só tempo.

CENA 30 - EXT. RUA DA VILA GUSTAVO - NOITE

O Palio de Jaime para na esquina da casa de Stênio.

ODETE
Dá uma ré, para mais pra trás!

JAIME
Aqui tá bom.

ODETE
Não. O Roberto com os primo tão tudo na calçada.

Jaime dá de ombros.

JAIME

Cê tá precisando de alguma coisa?

ODETE

De sossego. De bom ar. De duas empregadas-- Uma pra cada filho.

JAIME

Dete, escuta-- A gente vai precisar dar uma segurada.

Odete pasma.

JAIME

O clima tá esquisito. Tô achando que o Stênio tá sabendo.

ODETE

Do que cê tá falando?

JAIME

Ele armou uma cena pra tentar pagar pinga fiado. O jeito que ele me olhou-- Eu acho que ele se ligou. É melhor a gente dar um tempo.

ODETE

Não faz isso comigo, Jaime. Não agora! Minha vida tá uma desgraça!

JAIME

Desculpa, Dete. Não vai dar.

Ele passa o celular de Stênio para Odete.

JAIME

Devolve isso pra ele, faz favor. Diz que cê passou na padaria e--

ODETE

Eu quero que ele morra!

Sem que os dois percebam, uma Blazer se aproxima em alta velocidade, por trás do carro de Jaime.

ODETE

Eu não aguento mais essa merda. Olha, eu vou falar tudo pra ele, tá? Eu me separo, faço o que você quiser, eu--

JAIME

Dete, não faz assim.

O carro freia, bloqueia a traseira de Jaime. Súbito, uma CAMINHONETE bloqueia a dianteira, vinda da rua à frente. Os homens

de Jonas pulam de dentro e apontam as armas para o casal.

JAIME
O que é isso?!

DENTINHO
Desce!

Jaime levanta as mãos.

DENTINHO
Desce, pilantra!

Jaime sai do carro. Odete não.

DENTINHO
Ajoelha!

Jaime obedece. Jonas surge, se agiganta em frente ao comerciante, aponta um fuzil em sua cara.

JONAS
Jaime, né?

Jaime arregala os olhos.

JAIME
Pelamor de Deus, vira isso pra lá!

JONAS
Cê sabe por que cê vai morrer?

JAIME
Eu?

Odete grita, dentro do carro.

DENTINHO
(p/ Odete) Calaboca!

Outro capanga monta guarda na esquina.

CAPANGA
Não demora, patrão! Tá muito movimento!

JONAS
(p/ Jaime) Eu sou irmão do Sujo, seu maldito!

JAIME
Quem?

Jonas emenda um chute na cabeça de Jaime, que desaba no chão. Odete segura os soluços dentro do carro.

JONAS

Cê sabe quem, rato safado! Meu irmão tá morto por tua causa! Agora eu vô mandar você pra junto dele. Cê mexeu com o capeta!

Jaime chora.

JAIME

Eu não sei quem é seu irmão, rapaz! Espera. Vira isso pra lá. Vamo conversar!

JONAS

Cê quer que eu vire a minha arma? Eu viro! Nem ia usar ela mesmo.

Jonas entrega o fuzil a um dos soldados e circunda Jaime.

JONAS

(cochicha) Meu irmão morreu assim, ajoelhado na frente dos teus macho da Rota.

JAIME

Meu amigo, eu não conheço seu irmão. Olha, leva o carro. Pode levar tudo!

Jonas puxa uma faca.

JONAS

Carro? E eu lá quero teu carro?! Não. Eu quero outra coisa. Quero ver a rua beber teu sangue!

Jonas degola Jaime. Odete grita. Jaime estrebucha no chão. Seu carrasco assiste, satisfeito.

DENTINHO

Cala a boca, vadia!

Odete sai do carro, aos berros. O capanga na esquina sinaliza.

CAPANGA

Bóra, patrão! Zé povinho tá tudo olhando nas casa!

ODETE

(p/ Jonas) Assassino! Covarde!

JONAS

Vai pra casa, dona. Esquece nossa cara! Bora! Pode ir!

Uma sirene soa ao longe. Odete registra o som.

ODETE

Cê vai pagar por isso!

Ela se aproxima de Jonas, cabeça erguida.

DENTINHO
Pra trás!

Ela ignora.

ODETE
Cê matou um homem bom! Seu canalha! Covarde!

CAPANGA
Ô Jonas! Finaliza aí! Viatura tá na área!

JONAS
Calaboca, mané! (p/ ODETE) Não chega mais perto.

ODETE
Jonas?! Eu não tenho medo de você. Jonas! Jonas!
Jonaaaaaas! Jo--

Um disparo silencia Odete, vindo da pistola de Dentinho. As sirenes estão mais próximas.

DENTINHO
Bóra, patrão.

Jonas assente. Os bandidos correm para os carros, e saem queimando asfalto. Os corpos de Jaime e Odete repousam na rua deserta.

CENA 31 - INT. IML LESTE - AMANHECER

Um rádio AM toca um programa matinal. Stênio passa rodo no chão do necrotério.

LOCUTOR
(no rádio) Fala comigo então, Adélia--

OUVINTE
(no rádio) Então, Fábio. A minha ação de graças pra Nossa Senhora é que eu tinha muito vício de tomar café. E aquilo era ruim pro meu estômago. O médico falou--

Um estrondo ecoa pelo recinto, assustando Stênio. Todas as gavetas ocupadas da CÂMARA MORTUÁRIA abriram-se ao mesmo tempo. Stênio vai até elas. Devagar. Fecha uma, duas, três. E eis que uma das que fechou se escancara novamente. Stênio recua, recolhe seu casaco e sai, apressado.

CENA 32 - EXT. RUA DA VILA GUSTAVO - DIA

Stênio sobe a rua de volta para casa. Adiante, percebe uma movimentação - viaturas, cordão de isolamento, carro do serviço funerário, vizinhos curiosos. Ele apressa o passo. DORACY (50), uma vizinha, corre na direção de Stênio, soluçando.

DORACY
Stênio! Ai, meu Deus, Stênio!

STÊNIO
O que é que houve, Doracy?

DORACY
Aconteceu uma desgraça! A Odete--

Stênio dispara rumo à muvuca. Ele acotovela passagem por entre os curiosos e policiais. Tenta localizar Odete, e só entrevê muito sangue no chão. A voz de Odete se pronuncia.

ODETE
Os meus filho! Não deixa os meus filho me ver assim!
Pelamor de Deus! Alguém me escuta!

STÊNIO
Sai da frente! Me deixa passar! É a minha mulher!

Por fim ele a vê, morta, com um buraco sangrento na testa. Os olhos estão esbugalhados e secos. Velas acesas pelos vizinhos queimam junto ao corpo.

STÊNIO
Dete!!!

Stênio chega ao cordão de isolamento.

STÊNIO
Dete! O que te fizeram?!

ODETE
Stênio? Stênio! Me ajuda, Stênio!

Policiais contêm Stênio, que tenta romper o cordão.

ODETE
Cadê você, Stênio?

Stênio se desfaz em prantos. Vê o cadáver do rival, quase decapitado, sobre uma enorme poça de sangue.

STÊNIO
Me deixa passar!

ODETE
Stênio!

Súbito, Edson surge na calçada. Ele caminha rumo à aglomeração, curioso.

STÊNIO
É o meu menino! Me solta! Não deixa ele passar!

Os olhos dela viram-se para ele.

ODETE
Stênio! Tira ele daqui!!!

Stênio recolhe Edson no colo, cobrindo seus olhos. Ele dispara para casa com o menino - banhado em lágrimas, ofegando.

FADE OUT.

CENA 33 - INT. IML LESTE - NOITE

Odete repousa, nua e costurada, numa maca do IML. Stênio chega ao mortuário. Não veste o macacão de sempre. Veio reclamar o corpo. Ele posta-se junto à esposa morta, com os olhos estão inchados e vermelhos.

ODETE
Então você me ouve?

Stênio assente.

ODETE
Como?

STÊNIO
Eu sempre ouvi. Sempre falei com cadáver. Com todos. Com você, com o cara aí do lado, com o Carlão que veio parar aqui. Não sei explicar. Só sei que posso dar ideia com gente morta.

ODETE
Os meninos já sabem de mim?

STÊNIO
Sabem.

Silêncio pesado.

ODETE
Olha, Stênio: eu tava tomando coragem pra te contar do Jaime.

STÊNIO
A verdade foi mais rápida que o teu respeito.

ODETE
Ele era um homem decente.

STÊNIO
E eu?! Eu não era decente contigo? Com a família?
Dando trampo toda noite, enquanto cê aprontava com o
pilantra? Cês se merecem. Vão apodrecer juntos!

Stênio chora.

STÊNIO
Eu não vou morrer que nem você. Vou morrer honrado!
Não vou ser o corno da Vila Gustavo!

ODETE
Ninguém sabia, Stênio.

STÊNIO
Bom, agora todo mundo sabe. Mas acabou, Odete! Eu
finalizei ele! Eu ri por último! Mandeí o safado
queimar no inferno! (limpa as lágrimas) Mas não era
pra acabar assim. Eu nunca pensei que você ia cair
junto.

ODETE
Do que cê tá falando?

Stênio se cala.

ODETE
Stênio, você-- você não tá metido nisso, tá?

STÊNIO
O que cê acha?

O cadáver começa a gemer. Depois, a gritar. Stênio tapa os
ouvidos.

ODETE
Monstro! Desgraçado!

STÊNIO
Quem sabe agora você me respeita, hein?! Você nunca
me respeitou!

ODETE
Covarde! Como você pode deixar teus filhos sem mãe?
Eles nunca vão te perdoar! Nem eu!

STÊNIO

Ah, é? Pois eu te perdôo! Sempre te perdoei! Já ele, pode esquecer!

Súbito, os olhos de Odete viram para Stênio.

ODETE

Isso não vai ficar assim! Um dia alguém vai descobrir, de algum jeito! E você vai pagar!

Stênio segura novas lágrimas. Ele toca na mão do cadáver.

STÊNIO

Não, Dete. Esse segredo é meu e seu. Além de mim, só você sabe.

Stênio coloca a ALIANÇA de Odete de volta no dedo.

STÊNIO

Cinco pedrinhas na tua aliança, lembra? Uma pra cada letra do teu nome. Cê vai pra baixo da terra com ela. Você morreu minha.

Stênio deixa a sala seguido de lamentos e maldições de Odete.

CENA 34 - INT. IML LESTE - NOITE - MOMENTOS DEPOIS

Com olhar perdido, Stênio caminha rumo à saída. Dr. Gouvêia o aborda.

DR. GOUVÊIA

Eu sinto muito, rapaz. A gente trabalha com essa merda todo dia, se acostuma, nunca acha que um dia vai ser a gente reconhecendo um corpo. Você tá bem?

STÊNIO

O que cê acha, Doutor?

Eles escutam uma comoção. Da sala ao lado, uma moça sai aos prantos. É Lara. Ela cambaleia pelo corredor. Um paramédico tenta ampará-la. Ela o repele.

DR. GOUVÊIA

É a filha do sujeito que tava com a tua mulher. Deve ter acabado de ver o corpo.

Lara vem andando pelo corredor, cambaleia de novo. Quando se aproxima, olha Stênio nos olhos e desmaia. Eles a seguram.

CENA 35 - EXT. CASA DE STÊNIO/ FUNDOS - DIA

De dentro de um BANHEIRO DE FUNDOS, um cubículo atulhado de

ferramentas e velharias, Stênio retira um MACHADO.

CORTE DESC. P/:

Stênio desmonta a machadadas o SOFÁ de Odete. A BARBA POR FAZER e o cabelo em desalinho indicam que o tempo passou. Sua expressão letárgica dá lugar a um descarrego de ódio, conforme a força da demolição aumenta. Ofegante, ele pausa, e ouve alguém bater palmas na frente de casa.

CENA 36 - EXT. CASA DE STÊNIO/ SALA - DIA

Stênio, suado, abre a porta para Edson, que está acompanhado por um POLICIAL da Ronda Escolar.

POLICIAL RONDA ESCOLAR

Aqui é a casa desse menino? O senhor é o pai dele?

STÊNIO

Sou eu sim. Que foi que aconteceu?

CORTE DESC. P/:

Na Sala, Stênio dá um severo sermão no filho.

STÊNIO

Cê não tem vergonha? Já não basta tudo de ruim que a gente tá passando?

EDSON

Eu tive que fazer! O Leleco e o Paraná disseram que iam me zoar se eu não pegasse o boné na banca!

STÊNIO

Não me responde, moleque! É pra isso que eu me lasco costurando defunto toda noite? Pro meu filho chegar em casa com Polícia feito marginal?

EDSON

Eu não não posso ser o zé-ruela da escola!

STÊNIO

Mas ser o trombadinha pode, né? Então vamo ver quem é o malandro: um mês sem TV pra você!

EDSON

O quê? Isso não é justo!

STÊNIO

Não discute! Bora pro quarto!

EDSON

Se a mãe tivesse aqui, ela não ia deixar você fazer isso comigo!

Stênio pausa e fita o menino.

STÊNIO
É. Mas ela não tá.

EDSONi
Se eu pudesse, eu trazia ela de volta-- e mandava você pra lá!

O menino dá as costas e sai para o quarto.

STÊNIO
Volta aqui e repete o que você disse! Edson!

A única resposta do menino é uma porta batida com força. Stênio vai atrás, porém o filho ignora-o solenemente.

CENA 37 - INT. CASA DE STÊNIO/ BANHEIRO - DIA

Na privacidade do banho Stênio amarga seu luto em um pranto dolorido.

CENA 38 - EXT. RUA - ENTARDECER

A caminho do ponto de ônibus, Stênio percebe a padaria de Jaime com as portas fechadas. Diante delas, há uma discussão em andamento entre Lara e DOIS HOMENS--

LARA
Moço, por favor-- Eu tô cheia de mercadoria perecível aí dentro! Eu não posso fechar assim!

Ocultado atrás de um carro, o papa-defuntos testemunha a alteração. Os homens são OFICIAIS DE JUSTIÇA que supervisionam a instalação de barreiras de concreto (lacres) nas portas. O estabelecimento está sendo interditado.

OFICIAL DE JUSTIÇA
Isso aí a senhora vai ter que ver com o Juiz. Quando tem dívida com funcionário desse jeito, embaça. Vai pra leilão.

LARA
Mas, espera-- Isso aqui é meu ganha-pão! Cês não podem fechar um negócio assim, sem aviso prévio!

OFICIAL DE JUSTIÇA
Olha, moça. Eu fico com dó da senhora. Sério. Mas eu

tenho minhas ordens--

O oficial se afasta, prosseguindo a interdição. Lara implora, insistente. Stênio retoma seu rumo - seu semblante carregado de pena e culpa.

CENA 39 - INT. IML LESTE - NOITE

Stênio, de luvas e máscara, pesa órgãos numa BALANÇA. Valdir e Capela jogam damas ao fundo. Gouveia chega apressado--

DR. GOUVÊIA

Salve, equipe! Vamo juntar o equipamento que hoje tem excursão!

Os papa-defuntos viram-se. Stênio pausa a pesagem.

DR. GOUVÊIA

Vamo descer pro Palestina. Tem dois presuntos desmanchando num matagal. Vai ter que abrir é lá mesmo.

Stênio suspira desanimado. Valdir e Capela se mobilizam.

CORTE DESC. P/:

Capela dá a partida no rabeção. Stênio e Valdir, carregados de equipamento cirúrgico, se dirigem ao veículo. Gouveia os espera, fumando.

VALDIR

(p/ STÊNIO) -- aí cê conta essas saídas, por exemplo. Quando cê fez concurso, te falaram que cê ia ter que se enfiar no meio do mato? Isso dá insalubri-

STÊNIO

Passa amanhã vai, Valdir. Tô bom pra ouvir papo de Sindicato hoje, não.

Valdir absorve a traulitada, surpreso.

VALDIR

É dos seus direito que eu tô falando também!

STÊNIO

Eu sei-- Foi mal.

VALDIR

Esquece.

STÊNIO

Os meus filho tão ficando sozinho em casa. Eu não fico mais sosseg--

A sirene interrompe Stênio. Valdir o fita, solidário.

VALDIR

Tem uns 40 minutos até o Palestina. Dá um bodinho aí atrás.

Stênio assente, dirige-se à porta traseira escancarada.

CENA 40 - INT. CASA DE STÊNIO - NOITE

A casa de está em silêncio. As crianças dormem. A calmaria é interrompida pelo ruído de um ASPIRADOR DE PÓ. Edson desperta, alarmado. Ciça encara o irmão, demandando uma resposta. Sem dizer palavra, o menino dá de ombros, e sai rumo ao som.

EDSON

Pai?

NA SALA, Edson encontra o eletrodoméstico ligado a esmo. Desliga-o.

EDSON

Pai?!

Sem resposta, o menino, confuso, dá meia-volta rumo ao--

QUARTO, onde Ciça o espera. Edson fecha a porta.

EDSON

Não foi nada. Dorme.

CIÇA

Não é o pai? Certeza?

Antes que Edson responda, A PORTA que acabou de fechar abre-se, e PASSOS são ouvidos. Sem respirar, o menino sinaliza para que Ciça fique quieta. A menina se encolhe na cama. Nisso,

Sobre a CÔMODA, um APARELHO DE RÁDIO/CD coloca-se, inexplicavelmente, em funcionamento. O CD de histórias infantis com que Odete ninava as crianças (Cena 13) começa a tocar--

CD INFANTIL

Quem quer casar com a Dona Baratinha que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?"

Os irmãos olham-se petrificados. Na escuridão, novos ruídos e passos-- como se houvesse alguém ali. Edson gesticula, orientando Ciça a segui-lo.

CD INFANTIL

Sou porém muito sensível e medo tudo me traz; diga primeiro, boizinho, como é que você faz?
(muuuuuu!!!)

Edson e Ciça saem na ponta dos pés e, no corredor, desabalam-se rumo à sala. A porta do quarto escancara-se com estrépito às suas costas. Aos gritos, os dois correm até a porta da frente, ouvindo-se seguidos por uma presença.

CD INFANTIL (OFF)

Deus me livre de tal noivo mugindo dessa maneira;
Terei susto todo dia; Terei medo a noite
inteiraaaa--

Com mãos trêmulas, Edson atrapalha-se para abrir a porta. No que consegue, ele e Ciça disparam para a rua.

CENA 41 - EXT. MATAGAL - NOITE

O rabecão chega a uma VÁRZEA cercada de mato e viaturas policiais. Um INVESTIGADOR, cobrindo o nariz com um lenço, sinaliza para pararem. Gouveia abre o vidro.

DR. GOUVÊIA

Tá feia a coisa, Silvinho?

POLICIAL SILVINHO

Tá perfumaria, meu bom. Vai lá ver.

Gouveia desce. Stênio desce também.

DR. GOUVÊIA

Stênio! Traz primeiro as máscaras! (p/ SILVINHO)
Cadê os meus santinhos?

Gouveia e o Policial andam rumo à mata.

DR. GOUVÊIA

Ô Capela! Embica aqui e manda o farol alto! (p/
SILVINHO) Quem foi que achou a bagunça?

POLICIAL SILVINHO

Um catador de papel aqui da área.

Stênio chega trazendo máscaras de proteção com respiradores.

POLICIAL SILVINHO

Coitado tava branco que nem cera.

Súbito, uma luz agressiva vinda do rabecão ilumina DOIS CORPOS

destroçados de maneira tão brutal que mesmo Stênio e Gouveia cambaleiam à sua visão.

POLICIAL SILVINHO

Pelo estado, eles tão azedando aí faz uma cara--

Stênio aproxima-se dos cadáveres: estão retorcidos e fraturados de forma bizarra. As cabeças, contudo, estão preservadas, e nelas o papa-defuntos reconhece os rostos de JONAS e DENTINHO. Ele recua, perturbado. Gouveia se acerca--

DR. GOUVÊIA

Bora armar o circo, Stênio. Isso aqui vai ser bolinho, não.

CORTE DESC. P/:

MOMENTOS DEPOIS, Gouveia abre com dificuldade uma incisão no primeiro corpo. Quando consegue acessar os recheios do defunto, comenta--

DR. GOUVÊIA

Coisa estranha-- Ilumina aqui, Stênio. Isso não tá normal, olha--

A luz da lanterna ilumina um órgão. No tecido, há um semicírculo de pequenas PERFURAÇÕES.

STÊNIO

É marca de mordida. Deve ter sido bicho. Eles tão no mato faz dias.

Gouveia inspeciona mais de perto.

DR. GOUVÊIA

Hmm. Devagar no palpíte, rapaz. Tá vendo o pulmão, o baço?-- O cara tá moído por dentro, mas--

Gouveia inspeciona o tórax e as costas.

DR. GOUVÊIA

Mas cadê as dentadas na pele? Se foi bicho, como é que só tem laceração dentro? Ou seja, cadê as mordidas do lado de fora?

Stênio considera a pergunta. Nisso--

JONAS (O.S.)

(p/ STÊNIO) A vadia matou nós dois, mas devia ter sido três. E o certo era você ser o primeiro.

Stênio tem um sobressalto ao ver que JONAS ESTÁ LHE FALANDO. Gouveia, que não tem o dom paranormal do colega, concentra-se na

necrópsia. Stênio respira acelerado, contendo o horror.

DR. GOUVÊIA
Me passa o esticador.

Stênio, trêmulo, obedece. Os olhos de Jonas voltam-se para ele.

JONAS
Então ela era tua mulher, e o condenado era o amante. Como é que um frouxo amarelão engana o Jonas da Divineia e ainda tá vivo por aí?

Stênio nada responde. Evita olhar nos olhos do defunto.

JONAS
Zeramo dois inocente na tua conta.

DENTINHO (O.S.)
E se a tua patroa não deixou de boa pra nós, pode esperar que tua hora tá chegando.

Stênio vira-se devagar, vê que Dentinho também lhe dirige a palavra. Nisso, Gouveia acha algo atípico no cadáver.

DR. GOUVÊIA
Ô Stênio-- Me passa a régua--

Stênio, sangue gelado, não desvia a atenção dos defuntos.

DR. GOUVÊIA
Ô Stênio! Se liga!

Gouveia, irritado, apanha uma régua da mala de instrumentos e mede uma MORDIDA numa víscera de Jonas. A seguir, encara Stênio, lívido.

STÊNIO
Que foi?

DR. GOUVÊIA
Essa mordida não é de animal, não.

STÊNIO
Então o que é?

DR. GOUVÊIA
Isso é dentição de gente!

JONAS
(p/ STÊNIO) A diaba voltou feroz, vacilão! Dá o recado, Dentinho! Conta onde ela foi barbarizar agora--

Nesse instante, ambos ouvem um ESTALO. A mandíbula antes fechada de Dentinho, agora pende frouxa. No interior da boca há um OBJETO.

DR. GOUVÊIA
Mas que diabo--?

Gouveia pinça-o: um pequeno ROLO, um fragmento de PELE com uma TATUAGEM. Ao vê-la, os olhos de Stênio viram num quase-desmaio. Os desenhos são os nomes de Ciça e Edson ladeando um coração.

DR. GOUVÊIA
Stênio?!

Sob o olhar surpreso de Gouveia, Stênio afasta-se apressado, arrancando a máscara para vomitar.

CENA 42 - E/I. RUA E CASA DE STÊNIO - AMANHECER

Stênio anda a passo acelerado, transbordando confusão e preocupação pelos incidentes da noite. Ao cruzar o portão de casa, paralisa ao ver A PORTA DA FRENTE ABERTA. Boquiaberto, ele dispara para dentro.

STÊNIO
Edson?! Ciça?!

Stênio percorre os cômodos, e encontra-os todos VAZIOS. Sem pensar, ele retorna correndo para a--

CENA 43 - EXT. RUA - AMANHECER

No meio da pista, Stênio olha aturdido para todos os lados.

STÊNIO
Edson! Ciçaaaa! Ai meu Deus--

Nisso,

CIÇA (O.S.)
Pai!

Stênio vira-se ao chamado. A filha lhe acena de uma janela na casa sobre a padaria interdita - a CASA DE JAIME.

CORTE DESC. P/:

À ENTRADA DA CASA DE JAIME, na calçada, Stênio abraça os filhos.

STÊNIO
Cês tão querendo me matar, é?! Nunca mais me façam

isso!

EDSON

Alguém entrou em casa, Pai!

STÊNIO

Do que cê tá falando?

Lara chega, logo atrás deles. Sem rodeios, dispara acusações--

LARA

O que o senhor tá fazendo é uma irresponsabilidade!

Stênio põe-se de pé.

STÊNIO

Oi Lara. Olha, cê me desculpa. Eu--

LARA

Como é que você deixa duas crianças dessa idade sozinhas à noite?! Ainda mais nesse bairro?!

STÊNIO

Eu tô procurando alguém pra olhar eles--

LARA

Eles saíram pra rua aos gritos, no meio da noite! Podia ter acontecido uma desgraça!

STÊNIO

(cresce) Olha, vamo combinar uma coisa? Dos meus filhos cuido eu, e da tua vida cuida você! Pode ser?!

LARA

Você não pode falar assim comigo! Ninguém abriu a porta pra eles, só eu!

CIÇA

É, Pai. Ela só quer ajudar!

STÊNIO

(p/ as CRIANÇAS) Vamo.

Stênio puxa os filhos pelas mãos.

LARA

De nada, viu?! Grosso!

Stênio ignora o insulto. Edson olha para trás, envergonhado.

EDSON

Tchau, Lara.

Indignada, a jovem fecha-se de volta em casa.

CENA 44 - INT. CASA DE STÊNIO/ SALA - DIA

Stênio inspeciona a porta de casa diante do filho. Não há sinais de arrombamento.

STÊNIO

Não tô dizendo que cê tá mentindo, batata. Só não tô entendendo por onde ele entrou. Mostra de novo: onde cê viu ele?

EDSON

Já falei que a gente não viu--

Stênio vira os olhos, aborrecido.

STÊNIO

Tá, então onde vocês ouviram ele?

EDSON

No nosso quarto! Ele tava lá!

STÊNIO

Cê tem certeza que não deixou nenhuma porta aberta? O que eu te disse, Edson? Antes de sair?

EDSON

Tava tudo trancado!

CIÇA

Por que você não acredita na gente?

Ciça junta-se a eles.

STÊNIO

Só tô tentando entender o que aconteceu, Ci.

Um momento de impasse se sucede. Stênio inspeciona as janelas, gradeadas, sem indício de invasão. Ciça quebra o silêncio.

CIÇA

Você não vai mais deixar a gente aqui, vai?

Stênio pausa a averiguação.

STÊNIO

Filha, o pai precisa trabalhar--

CIÇA

Leva a gente com você!

Stênio suspira, desanimado.

STÊNIO

Não pode entrar criança onde o pai trabalha.

CIÇA

Por que?

EDSON

É cheio de gente morta lá!

STÊNIO

Valeu, Edson! Assusta ela mesmo!

Stênio ajoelha-se junto à filha.

STÊNIO

O pai vai arrumar alguém pra ficar aqui. Só preciso de uns dias.

EDSON

Mas a gente tá com medo!

Ciça chora. Stênio a conforta.

CIÇA

É, Pai, não deixa a gente aqui--

Abraçando a filha, Stênio olha para Edson. O menino entende que o pedido não será atendido e sai de cena, ressentido.

CENA 45 - EXT. RUA E CASA DE LARA - DIA

Stênio toca uma campainha e espera. A porta é logo entreaberta por Lara. Ao vê-lo, a moça baixa os olhos, contrariada.

LARA

O que você quer? Eu tô de saída--

-- e está mesmo: em trajes recatados, com uma Bíblia a tiracolo, Lara tranca a porta para ir à igreja.

STÊNIO

Olha, eu vim me desculpar.

LARA

Sei.

Lara sai pela calçada. Stênio vai atrás. Ela não lhe olha na cara.

LARA

Não tô acostumada a ouvir desaforo daquele jeito, sabe?

STÊNIO
Cê tá certa. Eu descontei em você, fui um idiota.

LARA
Foi. Mesmo. Pode ir. Tá desculpado.

Stênio pausa. Lara segue afastando-se. Chega ao ponto de ônibus.

STÊNIO
Espera! Eu-- eu tenho outra coisa pra te dizer.

Stênio aproxima-se, hesitante.

STÊNIO
Os caras-- os homens que assassinaram teu pai e a Odete-- eles tão mortos.

Lara empalidece. A notícia a impacta.

LARA
Os bandidos?

Stênio assente.

LARA
Como você sabe--? Que foram eles?

Stênio vacila, não contava com a pergunta.

STÊNIO
(mente) Me contaram. No meu trabalho-- no IML. Achei que você iria gostar de saber.

LARA
Por que? Por que eu iria gostar disso?

Stênio dá de ombros.

STÊNIO
Sei lá. Por-- justiça?

LARA
Só Deus faz justiça.

STÊNIO
Bom, Deus fez.

Lara baixa os olhos. Um ônibus se aproxima.

LARA

É o meu ônibus.

STÊNIO

Olha, desculpa. De novo. Tá? Obrigado por socorrer o Edson e a Ciça.

Lara assente. Stênio dá meia volta e sai. Lara senta-se no ponto, entristecida. O ônibus para e abre para ela embarcar. Ela só permanece sentada.

CENA 46 - INT. IML LESTE - NOITE

DO ALTO: Todas as macas e mesas de autópsia estão ocupadas por corpos ENLAMEADOS. Stênio fala num celular enquanto procura um canto para acomodar ainda mais um cadáver.

STÊNIO

E eu vou colocar mais aonde, Gouveia? Na copa? No banheiro?-- Afemaria-- Tá, mas-- Bom, seja o que Deus quiser!

Capela e Valdir chegam carregando outro presunto. Stênio ergue os braços.

STÊNIO

Segura aí! Põe no chão e vamo organizar que tá vindo mais!

VALDIR

Cê tá de sacanagem!

STÊNIO

Teve outro deslizamento no morro. Bora chegar as macas tudo pra CÁ!

VALDIR

E nós vamo circular por onde?!

Stênio fuzila Valdir com o olhar--

STÊNIO

E eu é que sei?!

CORTE DESC. P/:

CENA 47 - INICIA CLIPE, MONTAGEM ACELERADA:

Além da equipe usual, os corredores e a Sala de Autópsia estão apinhados de estranhos: BOMBEIROS, PARAMÉDICOS, POLICIAIS - todos com roupas sujas de lama e trazendo um sem-número de defuntos. O clima é de "hospital em zona de catástrofe". Os mortos emitem lamentos que perturbam Stênio. Quase sem voz, ele tenta coordenar

o caos. A superlotação é disposta no piso estreito.

STÊNIO

(p/ um BOMBEIRO) Não! Aqui não entra mais ninguém!
Vamo enfileirar ali! À esquerda! (p/ um PARAMÉDICO)
É criança? Criança é nessa sala! Essa! Aí!

Na Sala de Autópsia, Gouveia e mais DOIS LEGISTAS dissecam corpos. Valdir cuida da recepção de outros. Já Capela passa o mangueirão geral nos cadáveres, macas e no chão imundo.

DR. GOUVÊIA

Stênio! Larga tudo e corre prá cá!

No corredor, um CASAL DE IDOSOS caminha contra a correria. Trombam contra uma maca. O velhinho cai. Stênio o acode.

VELHINHO

(choroso) Eu vim procurar o meu filho--

DR. GOUVÊIA (O.S.)

Stênio! Porra, tá surdo?!

STÊNIO

Já vou!

VELHINHO

-- O nome dele é Valdemiro--

Stênio ajuda o velhinho a levantar. Sente uma tontura.

DR. GOUVÊIA (O.S.)

STÊNIOOOOO!!!

Aturdido, o papa-defuntos encosta-se na parede e respira fundo. O falatório em volta remodela-se numa cacofonia ensurdecadora.

CENA 48 - INT. IML LESTE - NOITE - HORAS DEPOIS

As dependências do morgue estão agora em silêncio e desordem. No rabeção, Valdir e Capela dormem nos assentos.

Na Sala de Autópsia, Stênio está só, sujo e cercado por um número calamitoso de cadáveres. Acabado. Ele tira objetos da escrivaninha, deita-se em cima e fecha os olhos.

CORTA P/ BLACK.

CENA 49 - INT. IML LESTE - noite

Stênio arregala os olhos. Desperta num espaço diminuto, entre

paredes de aço, na mais completa escuridão -- ESTÁ NUMA GAVETA DA CÂMARA MORTUÁRIA.

Ele debate-se, tenta gritar, mas algo bloqueia sua garganta e respiração. Trêmulo de frio, ele leva os dedos à goela e tenta, sem sucesso, expelir algo pela boca. Ato contínuo, luta para correr a gaveta, mas algo a bloqueia por fora. Em meio à agonia, Stênio ouve um som que o paralisa: um riso zombeteiro, abafado. O riso de ODETE.

O papa-defuntos retoma esforços para abrir a gaveta. E é quase sucumbindo à asfixia que ouve os gritos de VALDIR E CAPELA. Os colegas o tiram dali. Stênio desaba no chão. Em espasmos, arqueia o torso até expulsar um objeto pela boca -- UM ANEL. Mesmo ofegando e tossindo, ele arrasta-se até a jóia. Olha-a de perto, na palma da mão. Nisso, tomado de horror, a reconhece: ouro, cinco pedrinhas, uma para cada letra do nome dela -- A ALIANÇA DA FALECIDA.

CAPELA (O.S.)

O que cê fez, maluco? Como cê foi parar lá dentro?

Stênio fecha o punho escondendo a jóia. Vira-se para Capela.

STÊNIO

Q-quem tava aqui?

Valdir ajoelha-se ao lado de Stênio.

VALDIR

Calma, véio. Se mexe, Capela!

STÊNIO

QUEM TAVA AQUI?!

Valdir e Capela olham-se, intrigados.

VALDIR

Não tinha ninguém.

Stênio meneia a cabeça, confuso. A tremedeira aumenta.

VALDIR

(p/ CAPELA) Arranja um cobertor, uma água quente, qualquer coisa-- VAI!

Capela sai. Valdir ampara Stênio, encolhido no chão.

CENA 50 - INT. BOTEÇO - DIA

Stênio toma uma pinga com mãos ainda trêmulas. Está apavorado e confuso, com olhos fixos na ALIANÇA DE ODETE à sua frente no

balcão.

CENA 51 - INT. CASA DE STÊNIO/ sala - DIA

Stênio abre a porta e surpreende-se com uma presença inesperada na casa--

STÊNIO
Lara?

A moça está sentada num colchão (que substituiu o sofá de Odete), e assiste TV com Edson e Ciça. Ela levanta-se à chegada do vizinho, que sua em bicas. Parece doente.

LARA
Eu só tava esperando você chegar. Já tô indo.

CIÇA
(p/ CIÇA) Oi, né Pai?

STÊNIO
Oi! (p/ LARA) Espera, desculpa-- Eu não esperava-- Tá tudo bem? O que cê tá fazendo aqui?

Lara se aproxima, em tom confidencial.

LARA
Eles escapuliram de novo. Vieram pedir pra ficar lá em casa.

Stênio suspira, aborrecido.

STÊNIO
Não acredito--

LARA
Não teve jeito. Eles não querem mais ficar sozinhos. Aí eu vim pra cá, né? Pra evitar outro atrito.

Stênio meneia a cabeça, frustrado com a referência à briga que tiveram.

STÊNIO
Olha, obrigado, e desculpa, mais uma vez. Você não quer tomar café com a gente? Eu vou passar um café.

Nisso, Stênio cambaleia, assomado de tontura. Lara o ampara. As crianças põem-se de pé, assustadas.

LARA
Calma. Se apóia na parede.

Ela toca sua testa suada.

LARA
Misericórdia! Cê tá queimando.

STÊNIO
Tá tudo certo--

LARA
Onde é o teu quarto?

CENA 52 - INT. CASA DE STÊNIO/ QUARTO DE STÊNIO - DIA - MOMENTOS
DEPOIS

Stênio, enfermo, senta-se na cama. Ainda veste as roupas do trabalho. Lara entra, traz um comprimido e um copo d'água.

STÊNIO
Lara, eu vou ficar bem. Pode ir.

LARA
Toma isso. Não brinca com febre, não.

STÊNIO
A gente já te amolou demais.

LARA
Não foi nada. Então-- eu posso dar almoço pra eles?

STÊNIO
Nem a pau! Desculpa-- Escuta--

Stênio toma o remédio.

STÊNIO
Já vai fazer efeito! Aí, eu dou uma dormidinha e fico de boa.

Lara torce o nariz.

LARA
Cê acha, né? Olha, deita e descansa. Eu dou conta.

STÊNIO
Não precisa, Lara--

LARA
Precisa sim.

Stênio ergue os braços, "rendido". Ninguém diz palavra. Lara olha em volta.

LARA

Meu pai não usava perfume, sabia? E minha mãe só usava do bom.

Stênio baixa os olhos, contrariado à menção de Jaime.

STÊNIO

Por que você tá me contando isso?

LARA

O perfume da Odete. Dá pra cortar o ar com uma faca aqui.

STÊNIO

Eu preferia não falar deles.

LARA

Deixa eu falar, vai! Eu não quero mais ser baú pra guardar segredo.

Stênio autoriza, incomodado.

LARA

Quando minha mãe teve o AVC, a casa ficou por minha conta. Aí começou esse cheiro. Nas roupas dele. Pra mim esse perfume é de tristeza. Depois que eu senti ele, foi tudo ladeira abaixo.

STÊNIO

Você tá no quarto dela, Lara. E ela não tá aqui pra se defender.

Lara aspira o ar, fundo.

LARA

Não mesmo? Eles vão mesmo embora?

Os risos de Edson e Ciça na sala amenizam a tensão.

STÊNIO

Engraçado como o Edson e a Ciça gostam de você--
Apesar de tudo--
Lara esboça um sorriso.

LARA

O que você vai fazer com eles? Pra poder trabalhar?

STÊNIO

Ué, o que eu posso fazer? Achar alguém pra ficar aqui. (ri) A gente não quer mais eles perturbando teu sossego. Né?

Lara olha Stênio nos olhos.

LARA
É? E por que não?

-- e Stênio arregala os seus, surpreso com a pergunta.

CENA 53 - INT. CASA DE STÊNIO - dia - momentos depois

NA COZINHA, Stênio abre os armários e gavetas, mostrando os utensílios para Lara.

STÊNIO
Eu nunca lembro onde ela guardava colher de pau,
concha, essas coisas. (sorri, sem graça) Tamo à base
de salsicha e tostex.

Edson passa no corredor, de pijama.

STÊNIO
Ô batata! Cadê o uniforme! São onze horas!

O menino só ergue o polegar para o pai, de olho fixo da TV.

STÊNIO
Edson! Eu falei agora!

LARA
Bom, arroz e feijão tem?

STÊNIO
Tem sim. Aqui--

NA SALA, Ciça chega, pronta para a escola. Edson, desobediente, esparrama-se em frente à TV.

LARA
Me dá. Agora sou eu.

Edson esconde o controle dentro da camiseta. Começa uma briga. A arenga é interrompida por um alto ASSOVIO. Lara sai da cozinha.

LARA
Pô, Edson. Faz assim não, cara.

Ela pisca para o menino que, surpreso, entrega o controle. Stênio chega junto.

STÊNIO
É. Acho bom obedecer a Lara mesmo. Ela vai ajudar o
pai. Vai olhar vocês de noite.

Ciça sorri.

CIÇA
É sério?!

Lara assente, confirmando.

STÊNIO
Mas não se anima, não! É só por um tempinho.

EDSON
Da hora!

O menino sai para o quarto.

STÊNIO
Olha, eu agradeço tua boa-vontade. Mas pela última vez: você não precisa fazer isso.

LARA
Precisar eu preciso. Mas vamos tocando. Depois você resolve quem fica definitivo.

Stênio assente, concordando.

CENA 54 - EXT. RUA DA PERIFERIA - NOITE

O rabecão chega a um bairro pobre, acercando-se de uma cena de crime. Valdir e Capela descem. São recebidos por um POLICIAL.

POLICIAL MILITAR
IML? Ó, já vou avisando: o Yan da Perícia vazou!
Ficou puto que cês atrasaram.

CAPELA
Dia que eu ligar pra bronca de viado, vampiro vai comprar protetor solar! Cadê meus delivery?

POLICIAL MILITAR
Delivery?!

O policial ri. Alto. Capela abre a traseira pra baixar o bandejão.

POLICIAL MILITAR
Hahaha, 'delivery'--

VALDIR
Olha só a animação das autoridade, Capela! Não entendi a piada, não, ô comédia--

O fanfarrão sinaliza para Valdir segui-lo. Após passar por outros policiais, os dois pausam na boca de uma viela escura. Ali, o PM ilumina algo.

POLICIAL MILITAR
Tá aí, ó! Pra pronta-entrega!

A visão perturba Valdir. Perplexo, ele avisa--

VALDIR
Ô Capela! Podeixar o bandeirão aí mesmo--

O facho de luz revela uma MALA sobre uma POÇA DE SANGUE.

VALDIR
-- Nós não vamo precisar.

CENA 55 - INT. IML LESTE - NOITE

A mala está agora aberta no morgue, encharcada de sangue. O cadáver que guardava jaz desmembrado na mesa de autópsia. O finado, um HOMEM (35), lembra um manequim desmontado. Gouveia chega.

DR. GOUVÊIA
Fala, Valdir. Cadê o Stênio?

VALDIR
Banheiro. STENIÔÔÔ!!!

O legista se acerca do morto. Examina as partes.

DR. GOUVÊIA
Maldade, hein? Chegou faz tempo?

VALDIR
Umas 3 horas.

Gouveia vira o TORSO do defunto, inspeciona as costas. A ESPINHA foi extirpada, deixando uma mutilação grotesca no corpo. O semblante do médico se retorce de asco.

DR. GOUVÊIA
Que houve com a ESPINHA dele?

Valdir estranha a pergunta, dá de ombros. Gouveia procura a ossada faltante entre as outras partes. Stênio retorna, traz o prontuário do cadáver.

STÊNIO
E aí, Doutor? (vê o CADÁVER, estranha) O que você fez aí?

Gouveia pausa.

DR. GOUVÊIA
Cadê a espinha do sujeito?

STÊNIO
Ué, foi o que eu perguntei. Você retirou? Por que?

Baixa um silêncio entre os três. Stênio suspira irritado.

STÊNIO
Ah-- Cês tão de fuleragem. Bom, parô. Vamo trabalhar.

Valdir e Capela não movem um músculo. Só olham Stênio.

DR. GOUVÊIA
Tem ninguém de brincadeira aqui não, meu amigo. E eu não retirei porra de espinha de porra de cadáver nenhum. O que tá pegando?

Stênio vai à escrivaninha. Volta com uma CAMERINHA DIGITAL.

STÊNIO
Eu que dei entrada nesse defunto. Ele não chegou assim, não. Olha--

NO MONITOR DA CÂMERA: fotos do cadáver. Cada uma tem junto de si uma PLAQUINHA numerada (típicas de fotos de perícia).

STÊNIO (O.S.)
Ó aqui as costas--

NO MONITOR: Apesar dos membros e cabeça decepados, o torso tem as costas INTOCADAS, sem a mutilação diante deles.

STÊNIO
Tá vendo?

Os três se olham em confusão.

DR. GOUVÊIA
Mais alguém teve aqui?

Stênio e Valdir meneiam a cabeça em negativa. Gouveia olha os subordinados, desconfiado.

DR. GOUVÊIA
Essa conta não tá fechando.

Valdir e Stênio se mobilizam: vão até a mala, buscam embaixo das mesas e macas. Nada.

STÊNIO
Não tô entendendo-- Calma! Vai aparecer, não é

possível!

Gouveia tira as luvas.

DR. GOUVÊIA

É melhor mesmo. Senão eu boto a de vocês no lugar.

O legista vai em direção à porta. Está furioso.

DR. GOUVÊIA

A gente quer ser parceiro, aí começa: joguinho de dama, internet, cochilo no rabeção-- Tá faltando seriedade nessa birosca!

Gouveia sai. Os papa-defuntos se olham, estupefatos.

CENA 56 - INT. CASA DE STÊNIO - NOITE

Lara dorme em frente à TV. Na tela, um programa religioso apresenta um "exorcismo" histórico. Nisso, barulhos a despertam: portas batendo, objetos atirados. Ela senta, confusa, e desliga a TV para ouvir melhor. A luz do corredor oscila. Ela vai até lá.

NO CORREDOR, a jovem se depara com Ciça, sonâmbula, batendo levemente a testa contra a parede.

LARA

Ai, meu Deus! Ciça?

Ela afasta vira e criança para si, e o que vê a faz cambaleiar de susto: o rosto de Ciça está completamente PINTADO DE VERMELHO!

LARA

Ai, meu pai do céu!

A menina sonâmbula deixa cair algo: um BATOM amassado. Lara toma-a no colo e leva-a para a cama. Edson dorme. De volta ao corredor, ela recolhe o batom. Nisso, a luz do quarto de Stênio se acende.

LARA

Stênio? Stênio, cê tá aí?

Lara pega uma vassoura, e dirige-se ao quarto aceso. Ao abrir a porta, pasma e recua ao ver algo que a faz conter um grito. Nesse instante, a TV na sala liga-se sozinha, em volume altíssimo. Lara deixa o quarto, bate a porta e corre para a sala. Na TELA DA TV--

ENDEMONIADA NA TV

Eu chamo Maria Padilha, eu gosto de carne crua, eu vou acabar com a vida dela!

PASTOR NA TV

Fala o que você quer, demônio!

Nisso, a endemoniada no programa começa a cantarolar o FORRÓ favorito de Odete (ouvido na CENA 7). Ela olha para a câmera.

ENDEMONIADA NA TV

(voz de ODETE) Que foi lindinha? Tá incomodada?

Lara desliga a TV e encolhe-se no sofá, perturbada.

CENA 57 - INT. CASA DE STÊNIO/ QUARTO DE STÊNIO - DIA

A luz do dia entra pelas janelas entreabertas. Stênio abre a porta. Lara vem logo atrás. O papa-defuntos pasma ao ver O TETO do quarto vandalizado com uma mensagem escrita a BATOM: "EU TENHO NOJO DE VOCÊ".

LARA

Eu juro que não tinha ninguém aqui além da gente.

Stênio sobe na cama, inspeciona a mensagem de perto.

LARA

E ela é quem tava com isso--

Lara mostra O BATOM.

STÊNIO

Por que cê tá acusando a Ciça?

LARA

Eu não tô dizendo que ela fez consciente. Ela tava sonâmbula. É a única coisa que eu consigo pensar.

Stênio olha para Lara, raciocina.

STÊNIO

Teria que ser um adulto pra alcançar aqui.

Baixa um silêncio. Lara entende a sugestão de Stênio.

LARA

(fecha a cara) Eu não uso maquiagem.

Stênio meneia a cabeça, em autocensura.

STÊNIO

Desculpa. Pensei mal. Pai preocupado imagina de tudo--

Lara se retrai, ainda emburrada. Ela olha as palavras no teto.

LARA
O que significa isso?

Novo silêncio. Stênio sabe exatamente que aquelas foram palavras ditas por Odete (Cena 10).

STÊNIO
(mente) Não faço a mínima ideia.

LARA
Eu preciso descansar.

Stênio assente. Lara deixa-o só. Stênio descarrega os bolsos sobre a cama. Junto com carteira e chaves, vê a ALIANÇA DE ODETE, que carrega consigo há dias. Seu olhar se alterna entre a jóia e o insulto no teto. Enraivecido, ele arremessa o anel na direção da janela. Ouve-se o metal retinir contra uma das ripas do batente. Stênio senta-se com o rosto afundado nas mãos.

STÊNIO
(sussurra, p/ SI MESMO) Segura essa cabeça no lugar, hõmi--

Ensimesmado, Stênio não percebe que A ALIANÇA não caiu pela janela. ELA AINDA ENCONTRA-SE NO QUARTO, oculta sob o guarda-roupas.

CENA 58 - INT. IML LESTE - NOITE

A noite está tranquila. Stênio sutura o cadáver do "morto da mala". As partes desmembradas, menos a espinha, foram reunidas. O papa-defuntos pausa a tarefa, pensativo.

STÊNIO
(p/ MORTO DA MALA) Cê me ouve?

O cadáver está hirto e mudo.

STÊNIO
Isso que te fizeram-- Falta de Deus no coração, né? Onde já se viu picar outro ser humano assim?

Nada de interlocução. O presunto segue irresponsivo.

STÊNIO
Não sei o que eu faria. Tipo, se fizessem uma barbaridade assim comigo-- Não sei se ia deixar de boa. Cê pensa nisso? Cê não voltava? Pra puxar o pé do--? Hein?

A resposta ainda é só o silêncio.

STÊNIO

Pois é, foi o que eu achei. Nunca vi nada disso de espírito, assombração, o escambau-- Eu sei é de vocês tagarelando, aqui, na minha frente. Mas depois, lá no caixão, ó: acabou! E é isso.

Stênio dá às costas para o cadáver, esbanjando convicção.

STÊNIO

Eu é que perco meu tempo, pensando essas groselha--

Nisso,

MORTO DA MALA

Eu não me vingo porque tive o que mereci.

Stênio se vira. O cadáver o fita.

STÊNIO

Diferente dela. Né, Stênio?

O finado retorna à imobilidade. Stênio engole em seco, impactado pela acusação do defunto.

CENA 59 - EXT. CEMITÉRIO - DIA

Em meio a cruzeiros e sepulturas, Stênio papeia com um COVEIRO (50), que mistura cimento num carrinho de obras.

COVEIRO

Cê num liga eu ir adiantando aqui?

O coveiro prossegue o trabalho.

STÊNIO

Gideão, tem alguém aprontando pra minha família. Largaram uma coisa da falecida na minha porta. Um bagulho que foi com ela, no caixão.

COVEIRO

Cê tem certeza?

Stênio assente.

COVEIRO

Ela tá enterrada do jeito que a gente deixou.

STÊNIO

Mexeram nela, velho. Eu tenho que ver o corpo.

COVEIRO

Cê pediu as papelada? Isso não é mole de autorizar.

STÊNIO

Aí é que tá: a fita é por fora. E eu preciso de ajuda, pra desenterrar.

COVEIRO

Stênio, tem um jeito certo de fazer essas coisa.

STÊNIO

Eu não posso esperar. Preciso ver ela.

COVEIRO

Ih, velho-- Vou nessa, não.

STÊNIO

Eu fico te devendo uma preza! A gente faz com cuidado.

COVEIRO

Isso aí dá cana! Cê sabe, porra! Olha, não me arruma enrosco!

Stênio se resigna, o semblante cheio de tristeza--

STÊNIO

É que tá foda pensar que pode ter alguém-- perturbando ela.

COVEIRO

Vai pra casa, rapaz. Esquece isso.

Stênio assente. Gideão o vê se afastar. A consciência pesa.

COVEIRO

Ô Stênio! Hoje à noite vem um povo da umbanda aqui! Eu vou acompanhar.

Stênio pausa, vira-se para o coveiro.

COVEIRO

Posso levar eles pra longe da cova dela. Quer se arriscar, se arrisca sozinho! Mas se te pegarem, ó: eu nunca te vi! Firmeza?

Stênio assente.

CENA 60 - EXT. CEMITÉRIO - NOITE - HORAS DEPOIS

Stênio cava fundo junto a uma cruz com o nome de Odete. Logo, a pá atinge uma superfície oca. O papa-defuntos retira terra ao redor do ataúde. Respira fundo, toma coragem, abre-o.

Odete jaz ali, coberta por um VÉU DE TULE que impossibilita a identificação imediata de seu corpo. O cheiro da putrefação faz Stênio cambalear. Ele se recompõe, liga uma LANTERNA e ilumina a MÃO ESQUERDA DO CADÁVER, que toma de sob o véu. Ato contínuo, ele confirma que a aliança está AUSENTE. Uma DESCOLORAÇÃO na pele marca o lugar onde o anel deveria estar.

INSERT FLASHBACK DA CENA 33, IML LESTE: Stênio recoloca a ALIANÇA de Odete no dedo, na ocasião de seu reconhecimento de cadáver.

STÊNIO

Cinco pedrinhas na tua aliança, lembra? Uma pra cada letra do teu nome. Cê vai pra baixo da terra com ela.

VOLTA PARA:

CEMITÉRIO, Stênio suprime um soluço de pavor e fita o corpo apodrecido sob o tule.

STÊNIO

Eu fui longe demais, Dete.

O cadáver permanece irresponsivo.

STÊNIO

Você tinha razão de querer outro. Eu era um nada, um bosta. Eu sou um bosta. Mas será possível que foi você? No IML? Lá em casa? O Edson e a Ciça, Dete--olha, eles não merecem--

ODETE

Quem é você, pra me dizer quem merece o quê?

Stênio se retrai. A pergunta veio do corpo sob o véu.

STÊNIO

Eu tô aqui porque--

ODETE

Cê quer perdão? E como se faz pra te perdoar? Me diz, Stênio! Eu tô pensando? Em você?

STÊNIO

Odete, eu quase morri naquela gaveta. Eu tenho que saber! Foi você?

ODETE

Fui eu o quê? Será? E se não fui eu?

Odete ri, sádica. A feição de Stênio se assevera.

STÊNIO

Só me fala a verdade! Assim, a gente pode ficar em paz, seguir nosso rumo.

ODETE

Rumo? Pff-- Você quer que eu te perdoe? Então olha no meu olho. Olha! Deixa de ser frouxo!

Stênio vacila. Por fim, puxa o véu, revelando que-- É LARA, incorrupta, quem está deitada no lugar de Odete.

Stênio recua, horrorizado. De olhos no esquife, ele aproxima-se, na intenção de confirmar a identidade do corpo. Nisso, uma SILHUETA assoma à beira da cova, por trás do papa-defuntos. A criatura ergue a PÁ e golpeia-o na cabeça. Stênio desaba.

PDV DISTORCIDO DE STÊNIO: ele assiste, quase inconsciente, a silhueta mover montes de terra para dentro da cova.

NO FUNDO, Stênio é ENTERRADO VIVO. Um traumatismo sangra em sua cabeça. Ele luta para manter os olhos abertos. Levantar-se? Impossível. Aos poucos, ele vai sendo encoberto.

PDV DE STÊNIO: a terra precipitada obscurece sua visão.

CENA 61 - EXT. CEMITÉRIO - NOITE - MOMENTOS DEPOIS

Tudo está silencioso ao redor da cova de Odete. A sepultura está coberta de terra irregular, evidenciando escavação recente. Nisso, Stênio emerge do chão, exumando-se com as mãos nuas. Ele arrasta-se para fora do buraco, ferido e ofegante. No limite de suas forças, desmaia entre as tumbas.

CENA 62 - E/I. CEMITÉRIO, IML, CASA DE STÊNIO, PRONTO-SOCORRO - MONTAGEM

INICIA CLIPE, imagens e sons delirantes se misturam. São cenas do passado e do presente de Stênio-- Stênio, mais jovem, abre a porta da nova casa para Odete, que carrega Edson, ainda bebê, no colo. Odete sorri; - PDV DE STÊNIO: no PRESENTE, o coveiro Gideão encontra e acode Stênio no cemitério; - Stênio fala com mortos no IML: eles o acusam; - PDV DE STÊNIO: No PRESENTE, junto com Gideão, POLICIAIS MILITARES carregam o papa-defuntos ferido pelo cemitério; - Stênio vê Odete e Jaime mortos na rua; - PDV DE STÊNIO: No PRESENTE, POLICIAIS MILITARES acompanham-no a bordo de uma ambulância. PARAMÉDICOS o mantêm acordado; - Odete, baleada no asfalto, vira os olhos para Stênio, e lhe fala COM A VOZ DE CARLÃO--

ODETE

Cê se fodeu, Stênio. Como é que você foi fazer essa merda?

CENA 63 - INT. HOSPITAL/ PRONTO-SOCORRO, CORREDOR - DIA

Stênio desperta, imundo e aos gritos, ALGEMADO a uma MACA. Está no corredor de um hospital público, superlotado e caótico. Uma enorme BANDAGEM cobre-lhe a cabeça ferida. Ele é contido pelos PM's que o trouxeram do cemitério.

CENA 64 - I/E. CASA DE STÊNIO/ SALA - ANOITECER

Ciça brinca rolando uma bolinha, enquanto olha paciente pela janela. Perto dela, Lara está ao telefone. Soa tensa.

LARA

Mas a que horas ele saiu?-- Como assim 'não veio'?
Ele disse que ia pra-- Sim, ontem!--

Nisso, algo fora de quadro chama a atenção de Ciça.

CIÇA

Lara?

Lara sinaliza para que Ciça espere.

CIÇA

Lara! Ele chegou!

Lara pede um momento ao interlocutor. Ciça corre para a porta.

LARA

(ao telefone) Oi? Alô? Ele chegou, tá aqui! Ufa.
Olha, muito obrigado e desculpa a amolação, viu?

CORTE DESC. P/:

NA FRENTE DA CASA, Stênio desembarca de uma VIATURA. Um policial o DESALGEMA.

CIÇA

Pai?

A menina e Lara se dirigem ao portão.

LARA

Stênio? Meu Deus, o que te aconteceu?!

O olhar de Stênio encontra o de EDSON, que chega dos fundos. O menino encara o pai com frieza.

CENA 65 - INT. CASA DE STÊNIO/ SALA - ANOITECER

Stênio entra em casa cabisbaixo e envergonhado, sob os olhares preocupados de Lara e Ciça.

LARA
Você tá machucado!

CIÇA
Eles te prenderam? Te bateram?

Stênio se abaixa.

STÊNIO
Não, filha. O pai teve um problema.

EDSON (O.S.)
Não mente pra ela! E as algemas?

Stênio levanta-se, chocado com a atitude do filho.

STÊNIO
Depois eu explico. Eu preciso tomar banho.

EDSON
Não. Fala agora! Por que você pode chegar com a Polícia e não dar explicação? Você não me chamou de marginal?

Stênio baixa o olhar.

LARA
Edson, não fala assim--

STÊNIO
Ele tá certo, Lara.

O menino pasma com a admissão. Stênio caminha até ele.

STÊNIO
Escuta, filho--

EDSON
Escuta o caralho! Sabe o que eles falam aí na rua?
Que a gente é um bando de zicado!

STÊNIO
Quem falou isso?

EDSON
Não encosta ni mim! Povo já fala por aí que a mãe é vagabunda--

STÊNIO

EDSON!!!

Ciça começa a chorar. Stênio se aproxima. Edson recua.

EDSON

-- agora todo mundo vai ficar perguntando: 'por que o teu pai tava preso? O que ele aprontou?'

STÊNIO

Espera, vamo conversar--

Stênio estende os braços, pede calma. Mas no que quase toca o filho, uma FORÇA INVISÍVEL empurra Edson, arremessando-o com violência por vários metros. O garoto se estatela no chão. Ciça grita. Stênio paralisa. Edson levanta, fulmina o pai com o olhar. Tanto da perspectiva de Ciça e Lara, quanto da do menino, a impressão é clara: foi Stênio quem o empurrou.

Perplexo, Stênio meneia a cabeça, nega a agressão. Nisso, Edson dispara chorando para o quarto. Ciça corre em seu encalço, também aos prantos. Stênio vira-se para Lara. A moça o encara, assustada.

CENA 66 - EXT. CASA DE STÊNIO/ FUNDOS - NOITE - MOMENTOS DEPOIS

Lara e Stênio conversam longe das crianças, nos fundos da casa.

LARA

Quantos pontos você levou?

STÊNIO

Nem sei.

LARA

Como você vai explicar isso pra eles?

Stênio dá de ombros, cabisbaixo.

LARA

Olha, não quero me meter, mas-- Poxa, se meter em briga de bar--
Stênio ergue os olhos, contrariado.

STÊNIO

Vamo encerrar o assunto?

Lara levanta os braços.

LARA

Calma. Eu só nunca achei que você fosse disso.

STÊNIO

Eu não sou.

LARA

Então por que tanta raiva? E por que fazer aquilo com o Edson?

Stênio olha, e fala, firme--

STÊNIO

Eu nunca bati nos meus filhos.

A despeito da agressão que testemunhou, Lara assente, em reconhecimento à convicção das palavras de Stênio.

LARA

Você não é a única pessoa sofrendo aqui. Eu entendo tua revolta, mas eles só têm você.

Stênio suspira.

STÊNIO

Eu tô exausto. A vida tá sofrida. Tipo, sofrida demais.

O semblante de Lara denota que o desabafo a tocou.

LARA

Tá certo. As pessoas estouram. Acontece. Mas-- posso tentar ajudar?-- Procura acalmar esse gênio. Criança não devia ver o que o Edson e a Ciça viram hoje. Né?

Stênio, claro, concorda, mas não sem algum ressentimento--

STÊNIO

Mas cê sabe que não é fácil ficar sussa-- Depois do que eles fizeram com a gente.

Lara se levanta.

LARA

Vamos não falar dos mortos? Você comeu? Vou te fazer um prato.

Stênio acompanha a moça com o olhar. Deixado a sós, ele esboça um sorriso.

CENA 67 - INT. HOSPITAL/ QUARTO DE SÔNIA - DIA

Sentada ao lado de um leito, Lara lê a Bíblia para a mãe, SÔNIA (55). A enferma está vegetativa, magérrima e respirando por aparelhos. Uma mancha no rosto sugere a ocorrência de um grave AVC.

LARA

"--mas, na verdade, Deus me ouviu, e atendeu à voz da minha oração. Bendito seja Deus, que não rejeitou minha oração, nem desviou de mim a sua misericórdia".

No quarto restam só os sons do respirador e do monitor de sinais vitais.

LARA

Manter a esperança, né mãe? O que Deus ensina é duro, mas no fim Ele recompensa, cuida da gente.

O diálogo de Lara com a mãe inválida assemelha-se aos de Stênio com os cadáveres no IML.

LARA

Eu arrumei um servicinho, sabia? Vou cuidar de duas crianças. É temporário. Cê sabe quem é--

Lara pausa, hesita.

LARA

Olha, não vou mentir: eu tô trabalhando na casa do Seu Stênio. É. Ele mesmo. O marido da lazarenta. Da vaca. Falei! Ugh!

Sônia permanece muda em sua paralisia.

LARA

Eu achei mesmo que você não fosse gostar. Mas-- Ele não tem culpa, né? O coitado se ferrou igual a gente. Se a sem-vergonha não tivesse de safadeza com o Jaime, talvez ele não acabasse assim, sozinho, com dois filhos pra criar.

Lara fala mais consigo mesma do que com a mãe.

LARA

Não sei se ele é meio pancada ou tá meio pancada. Vai saber. Mas as crianças são um amor, e acho que ele-- ele é um sujeito bom.

Ela acaricia o cabelo da enferma.

LARA

Desculpa chamar o pai de Jaime. É "pai", eu sei.

As duas permanecem quietas, ao som do maquinário médico.

CENA 68 - INT. CASA DE STÊNIO/ SALA - DIA

Ciça assiste TV e Edson brinca com um videogame tipo gameboy - cada um em seu mundinho. Stênio entra no recinto, ainda está com a cabeça enfaixada. Senta-se com a filha. As crianças o ignoram. Ele comenta o desenho na TV--

STÊNIO
Esse é aquele que o Alfredo faz um foguete com o extintor?

CIÇA
(olho na TV) É.

STÊNIO
O Ed achava desse da hora. (p/ EDSON) Né, Batata? Vem ver!

EDSON
(olho no game) Tô jogando.

Stênio se empertiga, frustrado. Edson pausa o game. Ainda sem olhar o pai, pergunta--

EDSON
Por que a Polícia te garfou? Eles podiam te matar, sabia?

A expressão de Stênio demonstra espanto com o choque de realidade proferido pelo filho. Ciça vira-se para o pai.

CIÇA
Pai, você é ladrão? Quem vai preso é ladrão, né?

STÊNIO
Não, amor. O pai fez uma bobagenzinha na rua, mas já passou. Tá tudo resolvido. Cês não tão contentes que o pai tá aqui?

Ciça assente. Edson também, mas sem entusiasmo, e logo volta a atenção ao game. Nisso, Stênio se levanta.

STÊNIO
Olha, tá todo mundo muito jururu aqui em casa. Vamo fazer uma coisa? Batata, avisa lá a rapaziada na escola que vai ter festa aqui!

EDSON
Festa? Que festa?

STÊNIO
Ô Lara! Chega aí!

Lara chega. Stênio transborda súbita animação.

STÊNIO

Nós vamo dar um agito da hora aqui. Vamo lá falar com a Doracy, encomendar bolo, brigadeiro e o escambau! Vamo comemorar o aniversário do Edson!

EDSON

Tá maluco, meu? Meu aniversário é mês que vem!

STÊNIO

E daí? Cê quer esperar? Pra quê?

Edson é finalmente contagiado. Sorri.

CENA 69 - I/E. CASA DE STÊNIO - DIA

Dia da festa. Stênio chega da rua carregado de sacolas e equilibrando um BOLO de tamanho generoso.

STÊNIO

Lara, cê me ajuda aqui, por favor?

Lara chega em seu auxílio. Toma parte das sacolas.

NA COZINHA, a vizinha Doracy enrola brigadeiros com Ciça. Lara descarrega as sacolas e se junta a elas.

STÊNIO

Oi, Doracy.

DORACY

Não vai sujar a mão de manteiga, não, Stênio?

Stênio entra, arrastando uma CHAPA de madeira e CAVALETES.

STÊNIO

(p/ DORACY) Eu vou é montar essa mesa lá fora. O churrasquinho vai ser do lado do tanque, viu, Lara?

LARA

E o presente?

STÊNIO

Escondido. No banheirinho.

Stênio sorri.

STÊNIO

Ele vai cair de quatro quando ver!

Lara também se anima, curiosa.

CENA 70 - I/E. CASA DE STÊNIO - DIA

INICIA CLIPE: A festinha engrena. Crianças correm pela casa. Lara brinca com Ciça e amiguinhas. Stênio e Capela enchem o tanque de bebidas - alcoólicas inclusive. Edson se mete em brincadeiras de menino: boladas, porradas e afins. Valdir chega com as filhas. Os adultos se acomodam perto do churrasquinho. E bebem.

CORTE DESC. P/:

Termina o parabéns ao redor da mesa. Doracy e Lara cortam o bolo. Stênio ajuda a servir. INSTANTES DEPOIS, Stênio senta-se na roda dos adultos, junto às bebidas.

VALDIR

Ó Stênio: cê não senta, a gente vai entornando!
Depois não sobra mais!

Stênio abre uma latinha de cerveja. Relaxa um instante.

VALDIR

Estranho vir aqui e não ver a Odete. Parece que ela vai aparecer, falando alto daquele jeito dela--

Stênio pausa a bebericagem, contrariado com a menção.

STÊNIO

(resposta pronta) A gente se conforma, né? Fica a saudade.

Valdir pesca a irritação.

VALDIR

Desculpa se eu te aborreci.

STÊNIO

(mente) Tá maluco, Valdir? Bebeu?

Os dois riem. Stênio assovia para o filho.

STÊNIO

Ô Ed! Chega aí, seu pilantra!

Stênio e Lara trocam um olhar: hora do presente. Ele tira uma GRANDE CAIXA embrulhada, de dentro do banheirinho de fundos. O menino chega entusiasmado. Uma "plateia" acaba se formando ao redor.

STÊNIO

Aí, ó: demora pra abrir não, que ainda tem que montar!

O menino rasga o embrulho: é um AUTORAMA bacanão!

EDSON

Da hora! Valeu, pai!

Edson e Stênio se abraçam. Ato contínuo, os moleques avançam e abrem a caixa ali mesmo. Porém, no que a tampa é retirada, um repentino recuo acontece. Todos se afastam à visão de algo repulsivo. Stênio estranha. Edson o encara--

EDSON

Pai?--

Stênio se acerca da caixa. Os outros adultos também. Ali, aninhada em meio às peças do brinquedo, UMA ESPINHA HUMANA fervilha de vermes e moscas. Todos cobrem narizes e náuseas. Stênio apressa-se a fechar a caixa. Seu olhar encontra primeiro os de Valdir e Capela, que o encaram, incrédulos.

VALDIR

O que foi que cê fez, Stênio?

Stênio não encontra palavras. Menos ainda quando vê o olhar perplexo de Edson.

STÊNIO

Ed--? A gente troca, tá? O pai vai resolver.

O menino entra em casa, quieto. Lara, com Ciça no colo, vai atrás. Os adultos livram a área: afastam as crianças de Stênio e da caixa. A festa acabou.

CENA 71 - INT. BOTECO - NOITE

Stênio, Valdir e Capela reúnem-se num bar. Ao pé da mesa, um saco de lixo guarda a maldita espinha. Stênio está desolado; e os colegas, desconfiados.

CAPELA

Ninguém vai falar nada?

Valdir olha severo para Stênio.

VALDIR

Quando sumiu essa porra lá no IML, o Gouveia botou a resposta no rabo de nós três. Eu devia dar na tua cara!

Stênio suspira, frustrado.

STÊNIO

Minha palavra tá valendo menos que bosta nessa mesa.

VALDIR
No que cê tá metido, hein? Tráfico de órgão?

STÊNIO
Adianta eu repetir que não sei como aquilo foi parar lá?

VALDIR
Fala a verdade, Stênio!

STÊNIO
(ironiza) Tá, Valdir! É magia negra! Tá bom? Sou canibal! Faço artesanato com osso de gente! Que mais cê quer ouvir?

Capela intervém.

CAPELA
Menos, vai rapaziada. O que a gente vai fazer?

STÊNIO
Vamo contar a verdade.

VALDIR
Pra você ser incriminado? Olha, Stênio: eu não ferro amigo meu, xarope ou não.

STÊNIO
Cê não vai acreditar em mim mesmo?

Capela pousa a mão no ombro de Stênio, mais solidário--

CAPELA
Ninguém some com um bagulho desses e não sabe, mano.

VALDIR
Vamo dar um fim nessa porra. Senão como é que nós vai explicar como apareceu? Essa fita morre aqui! Mas é o seguinte--
Capela aponta o dedo na cara de Stênio.

VALDIR
Cê tá batendo pino, truta.

Stênio vira os olhos, aborrecido.

VALDIR
Não torce o nariz, não, que eu te esculacho! Cê vai procurar um médico! Vai ver essa cabeça. Ou você se cuida, ou não pode trabalhar mais lá, não!

Stênio considera a sugestão, emburrado.

CENA 72 - INT. CONSULTÓRIO MÉDICO - DIA

Stênio senta-se diante de um PSIQUIATRA (60). O tratamento indiferente e o desmazelo do consultório informam que trata-se de um profissional de quinta.

PSIQUIATRA

Não sei se eu te entendi. É distração, falta de concentração?

STÊNIO

É diferente. Vou tentar explicar: imagina você saber que roubaram alguma coisa, de alguém. E, de repente, você vê que tá com essa coisa. Ou: você tá em casa e, de repente, se dá conta que tá em outro lugar-- no ponto de ônibus, no meio da rua--

PSIQUIATRA

-- e não sabe explicar como.

Stênio assente.

PSIQUIATRA

Olha, amigo: teu trabalho é ingrato, você acabou de ficar viúvo, dorme mal, tá cuidando dos filhos-- Anormal seria você não ter nada. Mas vamo esmiuçar: você bebe, usa tóxico?

STÊNIO

(mente) Bebo um pouquinho. Com os amigos.

PSIQUIATRA

Cê toma remédios? Já pensou em se matar? Já ouviu vozes?

Stênio vacila antes de responder essa. Mente de novo--

STÊNIO

Não.

O médico saca um BLOCO DE RECEITAS. Começa a preenchê-lo.

PSIQUIATRA

Vamos começar com um calmante leve, vai te ajudar a dormir melhor.

Stênio toca na mão do psiquiatra.

STÊNIO

O senhor não me ouviu?

Stênio está trêmulo, lívido. O médico se espanta com a mudança em

seu semblante.

PSIQUIATRA

Eu não sei se confio mais em mim mesmo! O problema não é sono! Eu preciso é ficar mais-- lúcido. Tá ligado? Por favor--

O apelo toca o médico: ele guarda o receituário numa gaveta, e tira de lá outro bloco - o de MEDICAMENTOS CONTROLADOS.

PSIQUIATRA

Ok. Mas primeiro vamos falar sobre as quantidades disso aqui. E sério.

CENA 73 - INT. BOTECO - DIA

Stênio tira uma CARTELA DE COMPRIMIDOS de uma caixa marcada com tarja preta. Toma um. Com pinga.

CENA 74 - INT. IML LESTE - NOITE

Uma CARTELA DE COMPRIMIDOS VAZIA é descartada num lixinho. Stênio, no plantão, "caminha em nuvens", dopado, embalado por uma canção num radinho AM. Sua audição está alterada: a música está alta demais, ao passo que o mangueirão com que lava um cadáver jorra água pressurizada quase sem ruído. No que o jato atinge o defunto--

PDV DE STÊNIO, o corpo vira os olhos para lhe encarar. Os lábios se movem. Está falando. O papa-defuntos, porém, não consegue ouvir-lhe a voz. Somente a música.

STÊNIO

O que foi, cidadão?

A voz de Stênio soa altíssima, encobrendo todos os sons do ambiente, acompanhada de um ZUMBIDO. O cadáver segue falando, e sua voz continua emudecida à audição de Stênio, que desliga a mangueira. Ele pasma--

STÊNIO

Carááái, mano--

O rosto do finado se contorce num grito de agonia. Stênio ainda não o ouve. O plantonista interrompe a tarefa, dirige-se à mesa, saca uma CARTELA CHEIA de seu medicamento e engole um comprimido. Ao retornar ao cadáver, o mesmo se encontra hirto e mudo - só um corpo, não mais um morto falante.

STÊNIO

Vai falar nada, não, fedegoso?

Stênio aproxima o ouvido da boca do morto. Não ouve som algum. Ele esboça um sorriso narcotizado, liga o mangueirão e torna a lavar o presunto.

CENA 75 - INT. CASA DE STÊNIO/ SALA - ANOITECER

Stênio está deitado no sofá da sala, aéreo. Ao fundo, Ciça e Lara fazem uma limpa de tralhas nas gavetas de um móvel. Ciça acha um monte de DVD's de filmes infantis

CIÇA
Olha, Pai!

Stênio "desperta" de seu torpor.

STÊNIO
Bacana, Ci. Vamo ver um à noite.

CIÇA (mostra os filmes p/ LARA)
Qual você quer ver?

LARA
Hoje eu vou ficar com a minha mãe no hospital.
Escolhe você.

Lara seleciona um disco. Mostra para Stênio

CIÇA
Pode ser esse, Pai?

Nisso, Edson cruza a sala em direção à porta. Vai sair.

STÊNIO
Eieiei. Tá indo aonde, bicho solto?

EDSON
(azedo) Vou no Binôco jogar.

STÊNIO
E quem deixou?

O garoto só dá de ombros, irritado.

EDSON
Posso ir?

STÊNIO
Fica aqui com a gente. Vamo ver um filme.

EDSON
Tô afim de jogar.

STÊNIO

Tá tarde, filho. Amanhã tem escola.

O olhar do garoto verte raiva. Sem dizer palavra, Edson dá meia-volta e, retornando ao quarto, chuta a pilha de tralhas que Ciça e Lara organizam.

STÊNIO

O que deu em você? Tá maluco?! Volta aqui!

Lara e Ciça pausam a tarefa, atônitas. Edson ignora o chamado do pai. Stênio senta-se - vai sair atrás do filho.

LARA

Espera. Eu vou lá. Posso?

Stênio hesita. Por fim, autoriza. Lara vai atrás do menino.

CENA 76 - INT. CASA DE STÊNIO - NOITE

NO QUARTO DAS CRIANÇAS, Edson e Ciça dormem.

NO QUARTO DE STÊNIO, o papa-defuntos assiste uma luta de MMA, deitado na cama. Após alguns instantes, a TV se desliga sozinha.

STÊNIO

Mas que porra?

Stênio aperta botões no controle remoto. O aparelho não religa. Nisso, o silêncio é quebrado pelos sons abafados de uma VIDRAÇA estilhaçando e um corpo caindo ao chão, em outra parte da casa. Stênio senta-se em alerta. Sai para o--

CORREDOR, onde verifica os outros cômodos e checa as crianças, que seguem dormindo. Ele fecha a porta do quarto. A seguir inspeciona a sala e chega à --

COZINHA, onde depara-se com uma janela quebrada e o chão coberto de cacos. Stênio entra. Checa embaixo da mesa e da pia -- lugares onde um intruso poderia se esconder. Ao confirmar que o local está vazio, ele vira-se em resposta a um novo ruído. O que vê rolar é um inofensivo CARRETEL DE LINHA DE PIPA, que rola em sua direção, vindo da sala. Ele fita o objeto, intrigado. Nisso, um tropel de passos apressados se pronuncia. Ao ouvi-lo, Stênio dispara para a --

SALA, Stênio adentra o cômodo e enreda-se em um obstáculo. Ele grita de dor, recua e se inspeciona. Seus braços estão riscados de cortes sangrentos. Ele levanta o olhar e reconhece em que se feriu.

STÊNIO
Putaqueopariu--

A sala está perpassada, do teto ao chão, em todas as direções, por metros da LINHA COM CEROL cortante que Odete confiscou de Edson (Cena 5). Do outro lado da "teia", o papa-defuntos vê um VULTO dirigir-se aos quartos. É ODETE.

Sacando uma VASSOURA, Stênio arrebenta as linhas e avança pelo perigoso bloqueio. Mesmo assim, ainda corta-se muito no trajeto. Por fim, chega ao--

CORREDOR, onde se depara com a porta do quarto das crianças ENTREABERTA. O papa-defuntos se aproxima. Quando abre a porta, flagra--

NO QUARTO DAS CRIANÇAS, há uma PESSOA ESCONDIDA SOB OS LENÇÓIS, entre Ciça e Edson. As crianças estão mortas, com as gargantas cortadas. Stênio atira-se sobre o intruso, aos gritos. Neste instante, um chamado faz-se ouvir--

EDSON
PAI!!!

Stênio ergue-se na cama com as mãos agarrando os lençóis. Ele vê, pasmo, diante de si--

EDSON E CIÇA, encarando-o, VIVOS e INCÓLUMES. As crianças estão aterrorizadas: contemplam o pai em atitude violenta, ofegante e coberto de cortes. Stênio pausa. A figura invasora desapareceu. Ele entende que lançou-se contra uma alucinação. Edson e Ciça miram o pai como a um agressor. Ato contínuo, desabalam-se para fora do quarto.

A despeito da confusão, Stênio lembra-se da teia de CEROL.

STÊNIO
Meu Deus, a sala-- ESPERA!!!

Stênio corre para lá. Ao chegar à--

SALA, ele encontra os filhos atrás de uma poltrona. Em seguida, recua, pasmo-- -- e vê, incrédulo, que não há um fiapo sequer da teia de cerol na sala, apesar de seu corpo coberto de cortes.

CENA 77 - INT. CASA DE STÊNIO/ SALA - DIA

Lara sai do quarto das crianças. Stênio aguarda-a na sala.

STÊNIO
E aí?

LARA
Deixa eles quietinhos.

Stênio suspira, frustrado. Os filhos não querem vê-lo.

LARA
Bom, fazer o quê? Os bichinhos tão com medo.

STÊNIO
Não é justo. Alguém entrou aqui! Eu defendi eles!
Eles não viram tudo!

LARA
Bom, esse é o problema. Tudo que eles viram foi
você--
Lara aponta os vários CURATIVOS improvisados nos
ferimentos de Stênio.

LARA
-- assim.

STÊNIO
Lara, eu juro--

LARA
Então me conta. Como era essa pessoa? O que
aconteceu aqui?

Stênio engole em seco. Mente--

STÊNIO
Eu não sei explicar.

LARA
Você tá enrolado em alguma coisa perigosa? Pode
confiar em mim! Eu quero ajudar!

STÊNIO
Não é nada disso.

Lara sente a resistência. Muda a rota--

LARA
O que você vai fazer, então? Você precisa avisar a
Polícia.

Stênio ergue o olhar, surpreso com a sugestão, muito racional, de
Lara. Ela estranha--

LARA
Que cara é essa?

Stênio só afunda o rosto nas mãos. Lara conclui--

LARA
Stênio-- Você conhece essa pessoa?

Stênio olha a moça de soslaio. Não responde.

LARA
Olha, não é da minha conta, mas--

STÊNIO
Não é mesmo.

Lara se retrai. Toma coragem--

LARA
Vem cá, você não tem dó deles, não?

STÊNIO
(trêmulo) Já acabou, tá? Já tá tudo bem!

Lara não está convencida. Mas finaliza--

LARA
Ser picotado vivo por um maluco e não fazer nada não é normal. Mas essa é só minha opinião-- que você nem pediu.

Lara pega a bolsa.

STÊNIO
Você não vai embora, vai?

Lara pausa, cabisbaixa.

LARA
Seria tão mais fácil eu fazer só o meu trabalho, né?
Bem feito pra mim. [T] Eu já volto.

Ela sai. Deixado só, Stênio é o próprio retrato da tristeza.

CENA 78 - INT. CASA DE STÊNIO/ COZINHA - DIA

Stênio, Lara e as crianças almoçam, mudos e cabisbaixos. O silêncio é pesaroso.

CENA 79 - INT. iml LESTE - NOITE

NA SALA DE NECRÓPSIA, Stênio lê o jornal, sozinho no plantão. Do lado de fora das janelas chove forte. Não tarda, e uma queda de energia deixa o local às escuras.

STÊNIO
Bosta--

Usando o celular como lanterna, ele caminha até a--

COPA, onde abre gavetas e encontra um pacote de VELAS. Ele olha ao redor procurando--

STÊNIO
Fósforo-- fósforo-- fósfor--

ODETE (O.S.) (ao longe)
Stênio--

Stênio vira-se, atônito.

CORREDOR, Stênio bota a cabeça para fora da Copa, hesitante. A voz de Odete continua chamando-o. Uma porta se entreabre adiante. Stênio vai até lá. Adentra um--

DEPÓSITO, que guarda ossadas e partes humanas em FRASCOS COM FORMOL. O silêncio é quebrado por um som inusitado. Stênio percebe, e identifica que BOLHAS DE AR dançam em um dos frascos nas prateleiras. O borbulhar é síncrono com novos chamados--

ODETE
Stênio-- Stênio--

Aproximando-se, Stênio localiza o frasco em borbulhas, oculto entre tantos outros. No que vislumbra seu conteúdo, recua, gritando.

O vidro guarda uma CABEÇA preservada em formol velho: a cabeça de ODETE. Stênio se aproxima, horrorizado.

STÊNIO
Eu tô aqui, Odete.

A cabeça está completamente imóvel, salvo pela boca, que se contorce.

STÊNIO
Nossos filhos não precisam sofrer pelo que eu fiz.
Teu ódio é de mim. Eu tô pronto.

ODETE
(voz abafada, solta bolhas) A mulher na minha casa--

Stênio estremece.

STÊNIO
O que?

ODETE
Você vai sangrar ela. Pra mim.

STÊNIO
N-Não! Para com isso, Odete! Fui eu que errei. Eu pago o preço!

ODETE
Eu quero que eles saibam quem você é. Você sangra ela, e eu me vou.

STÊNIO
Eu não vou fazer isso.

ODETE
Vai. Mesmo que você não saiba. Ou será que já não fez?

Os olhos de Stênio se arregalam àquela sugestão.

ODETE
Vai lá ver! Vai, porque eu não vou sair até você--

Um TROVÃO encobre as palavras de Odete, e os OLHOS dela ABREM-SE. Nesse instante, a energia retorna, e a cabeça DESAPARECE no interior do frasco. Porém, uma última bolha de ar gorgoleja solitária no formol. E, em sincronia com ela, ouve-se a acusação--

ODETE
(sussurra) Assassino.

Stênio permanece em silêncio. Por trás dos seus olhos, eclode uma torrente de maus presságios.

CENA 80 - INT. CASA DE STÊNIO/ COZINHA - DIA

Lara termina de tirar a mesa do café. Sem que perceba,

STÊNIO (O.S.)
Graças a Deus.

Ela vira-se de chofre, e assusta-se ao ver Stênio, parado junto à porta do quintal, com semblante perturbado.

LARA
Ai Stênio! Não faz isso!

Stênio respira pesado, olhar perdido.

STÊNIO
As crianças?

LARA

Lá dentro. Cê tá me assustando!

Ele convida-a à mesa. Ela hesita, mas acaba sentando-se. Stênio segura o choro.

STÊNIO

As coisas não tão bem. Acho que-- eu preciso fazer uma mudança aqui.

LARA

Na casa? Não tô te entendendo.

STÊNIO

Você tinha razão. Tem coisas que criança não deve ver.

LARA

Chega de segredo, Stênio. O que houve?

STÊNIO

Houve que esse lugar é um túmulo desde a morte da Odete. Não é? Tipo um velório que não acaba?

LARA

Acho que você tá falando de você mesmo.

Stênio pausa.

STÊNIO

Pode ser. Mas certas coisas, Lara-- eu preciso sofrer sozinho.

Lara olha Stênio. Toca-lhe o rosto.

LARA

Não! Não precisa!

Stênio repele a carícia. Lara levanta-se, encabulada.

STÊNIO

Espera! [T] Você disse que queria ajudar a gente!

LARA

Como, se você não me diz nada?!

STÊNIO

Você-- acredita em maus pressentimentos?

LARA

Você tá me confundindo! O que tá te acontecendo, pelo amor de Deus?!

STÊNIO

Nada. Mas acho que pode acontecer.

Ele pede a ela que se sente. Ela se recusa. Ele se senta.

STÊNIO

É uma questão pessoal, que eu preciso resolver. E eu tenho que tirar o Edson e a Ciça daqui por uns dias. Preciso que você cuide deles. É muito importante.

LARA

Eu não sei, Stênio--

STÊNIO

Eu virei um trapo sem vida. Mas posso voltar a ser um pai. Tem uma sombra no meu caminho, que eu preciso tirar. E se você não virar as costas pra gente-- talvez tenha essa chance.

Edson e Ciça chegam, uniformizados. A jovem pondera, indecisa. Stênio beija Ciça, fingindo normalidade.

CENA 81 - INT. CASA DE LARA - NOITE

Os cômodos da casa de Lara estão vazios e silenciosos. A voz de Ciça interrompe a quietude.

CIÇA (O.S.)

Lara?

NO QUARTO DE LARA, Ciça, em pé junto à cama, cutuca a babá, despertando-a. Edson dorme em um colchão.

LARA

Ci? O que foi?

Chorosa, a menina sussurra algo no ouvido de Lara. Em resposta, a moça acende um abajur e vê, no colchão, uma mancha líquida - Ciça fez xixi na cama.

LARA

Ô meu anjo-- Ó, quem molha a cama fica um ano a menos sem namorado, sabia? Vem cá--

Lara levanta-se.

CENA 82 - INT. CASA DE LARA - NOITE - MOMENTOS DEPOIS

NO BANHEIRO, Lara lava Ciça numa banheira.

Estranhos ruídos se fazem ouvir - móveis sendo arrastados e

arremessados. Ela pausa a tarefa. Os barulhos prosseguem por mais alguns instantes. Por fim, cessam.

CIÇA
Que foi isso?

Lara põe-se de pé, vacilante.

LARA
Fica aqui, Ciça.

CIÇA
Não!

LARA
Eu já volto. Só fica aqui. Tá?

Ciça assente, apavorada. Lara sai, devagar. Ganha o --

CORREDOR, toma a direção da sala. Antes que chegue, porém, a garota se assusta ou ouvir outro estrépito, vindo de lá. Pausa. Vacila. No que adentra a--

SALA, Lara pasma ao deparar-se com a mobília revirada e demolida.

LARA
Quem tá aí?! Olha aqui, eu vou chamar a Polícia!

NO BANHEIRO, Ciça espera. Nisso, a água da banheira ejeta um objeto que voa e cai no piso: a TAMPA METÁLICA DO RALO. Ciça percebe BOLHAS serem expelidas pelo buraco aberto. Curiosa, ela se aproxima, e seu longo cabelo é tragado ralo adentro por uma violenta SUCÇÃO. A menina submerge. Nesse momento, a porta do banheiro bate-se sozinha, com força.

NA SALA, Lara ouve os gritos da menina.

LARA
CIÇA!

NO CORREDOR, Lara esbarra na porta do banheiro fechada. Tenta abri-la, em vão.

LARA
CIÇA! ABRE A PORTA!

A jovem arremete contra a porta, tenta um arrombamento inútil. Edson chega.

EDSON
LARA!

LARA

ME AJUDA!

Os dois chutam a porta em desespero.

NO BANHEIRO, em meio ao afogamento, Ciça debate-se e grita.

NO CORREDOR, as portas de todos os cômodos se batem. Lara e Edson recuam, abraçados. E eis que se faz novo silêncio-- -- e a porta do banheiro entreabre-se. Lara engatinha até lá.

LARA
Ciça?

NO BANHEIRO, a água da banheira expulsa Ciça, arfando por fôlego.

LARA
CIÇA!!!

A babá toma a menina, trêmula e histérica, nos braços. Edson se aproxima. Todos choram por um momento. Até que--

LARA
A gente tem que sair daqui! Vamo!

NA SALA, o trio apressa-se para a porta. Antes que saiam, porém, novo susto: uma enorme CRISTALEIRA é empurrada sobre eles, abalroando-os porta afora. Os três caem, levantam-se, recuam. Por fim, correm para longe.

CENA 83 - INT. CASA DE STÊNIO - NOITE

Stênio abre a porta de casa e depara-se com Lara, Ciça e Edson. Seus olhares transbordam terror e confusão, e a menina treme no colo da babá.

LARA
Entraram lá-- Alguém invadiu minha casa!

CENA 84 - INT. CASA DE STÊNIO - NOITE

NO QUARTO DAS CRIANÇAS, Lara tenta colocar Ciça para dormir. A menina soluça num choro febril.

NA COZINHA, sentado à mesa, Stênio escuta o lamento da filha. Trêmulo, esforça-se para conter intenso pânico. Ele coloca-se de pé, anda de um lado para outro, feito um animal enjaulado. O choro da menina torna-se cada vez mais alto, insuportável.

CENA 85 - INT. CASA DE STÊNIO - NOITE - HORAS DEPOIS

Silêncio total na casa, agora.

NO QUARTO DAS CRIANÇAS, Ciça e Edson dormem. No quarto de Stênio, Lara dorme.

NA COZINHA, Stênio senta-se à mesa, com semblante transtornado. À sua frente, um copo d'água e a caixinha do remédio tarja preta. Ele saca um comprimido. Hesita. Por fim, decide não tomá-lo. Nisso, a quietude é interrompida por trepidações nas paredes e um SUSSURRO--

ODETE (o.S.)
Sangra ela--

O papa-defuntos se levanta. Nota que o som vem do RALO DA PIA. Vai até lá.

ODETE
Eu mandei sangrar a vadia.

Stênio ouve novas trepidações. A torneira na pia treme.

ODETE (O.S.)
Não brinca comigo. O que eu fiz com eles foi meu último aviso.

STÊNIO
Pelo amor de Deus, Odete.

Nisso, um baque seco faz Stênio virar-se. Ele vê, chocado, que uma grande FACA balança, recém-cravada sobre a mesa.

CENA 86 - INT. CASA DE STÊNIO - NOITE

Stênio empunha a faca. Caminha até a porta do quarto. Ali, Lara dorme. Stênio a contempla, em dilema. Ele respira fundo, crispa os dedos no cabo da faca, leva a mão à maçaneta. Mas no que move a porta, o TELEFONE TOCA. Lara se mexe na cama. Stênio recua.

NA SALA, o papa-defuntos se aproxima do telefone. Após ocultar a faca, ele atende a ligação.

STÊNIO
Alô?

Em meio a chiados de estática, uma VOZ emerge--

VOZ FEMININA
Não toca nel-- Não encost-- na min-- filha--

Stênio senta-se no sofá.

STÊNIO
Quem é?

VOZ FEMININA
Nã-- acr--dita-- na-- Odet-- tênio--

Stênio engole em seco.

STÊNIO
Dona Sônia?

Nisso, por um breve instante, o áudio da ligação torna-se
LÍMPIDO--

VOZ FEMININA
Você não é um assassino!

Stênio pausa.

VOZ FEMININA
(reitera) Não é!

A ligação cai. Uma lágrima escorre. Stênio recoloca o fone no
gancho, com o olhar perdido. Nisso--

LARA
Tá tudo bem?

Lara chega, sonolenta. Stênio levanta o olhar para ela.

LARA
Quem era?

STÊNIO
Lara-- a sua mãe faleceu.

A jovem absorve o golpe em silêncio.

CENA 87 - INT. HOSPITAL/ QUARTO DE SÔNIA - DIA

O corpo de Sônia repousa sobre uma maca numa sala vazia. Stênio e
Lara adentram o recinto. A jovem aproxima-se, e cai em pranto
dolorido no seio da mãe morta. Stênio pousa uma mão em seu ombro,
confortando-a. Ato contínuo, traz uma cadeira--

STÊNIO Senta--

-- e se afasta para um canto, respeitoso à privacidade das
duas. Não tarda, porém, e os olhos da falecida abrem-se, e encaram
o papa-defuntos. Lara, claro, nada percebe.

SÔNIA

Você é um homem maldito. E tua mulher não vai descansar até você derramar sangue.

Stênio assente. Lara acaricia os cabelos de Sônia.

LARA
Deus te guarde, mãezinha.

SÔNIA
(p/ STÊNIO) Eu quero a Lara longe de você.

Stênio, sem pensar, responde a Sônia--

STÊNIO
Eu sinto muito.

Lara vira-se, entendendo que as palavras de Stênio foram para ela.

LARA
Obrigada, Stênio.

Stênio se retrai. Finge normalidade. O cadáver não tira os olhos dele.

SÔNIA
Tua desgraça vai chegar naquelas crianças. Você precisa apagar as marcas da mãe delas.

Lara levanta-se. Vem até Stênio.

LARA
Você tá sendo muito legal.

Ela dirige-se a uma pia, no canto do quarto. Stênio balbucia para Sônia, com os lábios, a pergunta: "que marcas?".

SÔNIA
Todas. Nada que foi dela pode ficar para trás. Nada que lembre ela, nada pra ela se agarrar.

Lara tira toalhas de papel de um porta-toalhas na parede e seca as lágrimas, alheia ao diálogo.

SÔNIA
Acaba com tudo, Stênio. Como se ela nunca tivesse existido.

Stênio assente. Nisso, um FUNCIONÁRIO DO HOSPITAL entra na sala.

FUNCIONÁRIO DO HOSPITAL
Bom dia. Você é a filha da Dona Sônia? Meu nome é Osvaldo, eu sou do setor de óbitos--

Lara ouve instruções do rapaz. Stênio aproxima-se de Sônia, que agora repousa na imobilidade da morte. Ele a fita, pensativo.

CENA 88 - I/E. CASA DE STÊNIO - NOITE

Sob os protestos chorosos de Ciça, Stênio move-se impetuosamente pela casa, recolhendo toda sorte de pertences de Odete: roupas, sapatos, bijuterias, perfumes etc.

LARA
Stênio! Para com isso!

Lara e Ciça tentam detê-lo. Stênio as repele. Ele cruza a porta dos--

FUNDOS, onde descarrega tudo numa grande pilha no chão.

LARA
Stênio, fala comigo!

Stênio retorna para dentro, ignorando Lara. Na--

SALA, ele limpa prateleiras, papéis, badulaques, livros, revistas-- Ciça corre para o quintal e tenta reaver objetos descartados. Stênio a intercepta, toma-a nos braços, leva-a para o quarto. Ciça esperneia.

STÊNIO
Perdão, meu amor! O pai não queria fazer isso--

O papa-defuntos tranca a filha. Lara bloqueia seu trajeto--

LARA
O QUE DEU EM VOCÊ?!

Stênio dribla a moça, agarra braçadas de porta-retratos e fotos de família. Ruma para os fundos.

LARA
Eles são crianças! Você não pode-- São as coisas da mãe deles! Stênio!

Stênio pausa, toma Lara pelos ombros.

STÊNIO
Eu preciso tirar ela daqui!

LARA
A Odete não tá mais aqui! Calma! Me escuta--

STÊNIO
Ela morreu, sim. Morreu, mas não se foi! Eu-- sinto!

E não quero mais ela com a gente!

LARA

Escuta o absurdo que cê tá falando!

STÊNIO

Eu não tenho como te convencer! Mas não duvidei quando você disse que um armário foi pra cima de vocês na tua casa!

ODETE

Aquilo tem uma explicação! Agora você tá me pedindo pra acreditar que uma mulher morta tá aqui!

STÊNIO

Não. Tô pedindo pra você acreditar que eu sei o que tô fazendo.

Lara encara Stênio, ainda contrariada.

LARA

Sua filha tá chorando. Faz o que sua consciência mandar.

A garota sai para consolar Ciça.

CENA 89 - EXT. CASA DE STÊNIO/ FUNDOS - NOITE - MOMENTOS DEPOIS

Stênio traz uma última leva de objetos de Odete. No que vai descartá-los, BRAÇOS CINZENTOS irrompem por entre algumas ROUPAS que carrega e agarram-no com fúria. O papa-defuntos luta para desvencilhar-se.

Ao conseguir lançar as roupas à pilha, um grito estridente de Odete - que só ele ouve - assalta sua audição. Ele verga-se à dor nos ouvidos. Sob o monturo, algo se move. As mãos cinzentas arrastam-se para fora. Stênio despeja gasolina e incendeia os pertences da falecida.

O fogo se agiganta. Urros de dor do espírito ecoam pelo quintal. Como que impelidas pelo lamento, as chamas curvam-se perigosamente perto de Stênio. Ele cambaleia para não ser atingido. O grito da morta, aos poucos, silencia.

O papa-defuntos se aproxima da fogueira. Vislumbra um retrato da esposa sendo consumido. É então que nota algo chocante: conforme as chamas se aproximam do rosto no quadro, a pele de Odete SE DESCARNA comportando-se como a de uma pessoa VIVA sendo carbonizada. Stênio recua. Por fim, senta-se no chão e assiste à queima, vigilante.

CENA 90 - INT. CASA DE STÊNIO/ QUARTO DAS CRIANÇAS - NOITE -
MOMENTOS DEPOIS

Stênio retorna para dentro, suado e sujo de fuligem. Pausa ao passar pela porta do quarto das crianças. Lara, Edson e Ciça o encaram, ressentidos e em silêncio. O papa-defuntos absorve a mágoa geral e, sem dizer palavra, se afasta.

CENA 91 - INT. ÔNIBUS - NOITE

Stênio, vestido para o trabalho, embarca e senta-se num ônibus quase vazio. O veículo põe-se em movimento. Após alguns segundos, o papa-defuntos estremece. Ele cede a um rompante de choro. Porém logo as lágrimas dão lugar a um sorriso. Stênio relaxa, se acalma. Venceu.

CENA 92 - INT. CASA DE STÊNIO - NOITE

A casa está vazia e às escuras. Lara e as crianças dormem. Súbito, ruídos de passos e portas rangendo ressoam pelos ambientes.

NO QUARTO DE STÊNIO, Lara, adormecida, não percebe o VULTO DE UM HOMEM esgueirar-se para dentro do dormitório.

SOB O GUARDA-ROUPAS, a mão do intruso - suja, ensanguentada - tateia e encontra A ALIANÇA DE ODETE - atirada em direção à janela, mas acidentalmente rebatida até aquele lugar (Cena 57).

NA CAMA, Lara dorme. O homem aproxima seu rosto do dela. A garganta do invasor está RASGADA DE UM LADO A OUTRO, e sua camisa, maculada com coágulos de sangue.

O visitante é o fantasma de JAIME.

A assombração coloca o anel de Odete no dedo de Lara. Nisso, os olhos da jovem arregalam-se. Jaime sussurra algo em seu ouvido. Mesmo de olhos abertos, está claro que Lara ainda dorme, mas está à mercê da influência do espírito do pai.

CENA 93 - E/I. RUA E CASA DE STÊNIO - AMANHECER

Retornando do plantão, Stênio volta para casa. Ao chegar, porém, a visão da PORTA DA FRENTE ESCANCARADA o faz pausar. O papa-defuntos estranha. Ato contínuo, ele entra e verifica os cômodos. Tudo parece em ordem. Edson e Ciça dormem. Resta checar Lara. Ao entrar no--

QUARTO DE STÊNIO, o papa-defuntos verifica que a cama está desfeita e a babá, AUSENTE. Ele sai para o

CORREDOR, olha ao redor.

STÊNIO
Lara?

DE VOLTA À SALA, Stênio se detém, e vê, estarecido, o SOFÁ DE ODETE - o mesmo que destruiu na Cena 35 - plantado no meio do recinto.

STÊNIO
Meu Deus--

Ele corre para o

QUARTO DAS CRIANÇAS, acorda Edson.

EDSON
Que foi?--

STÊNIO
Ed, cadê a Lara?

O menino rola na cama, sonolento. Ciça desperta.

EDSON
A Lara?-- Não tá no seu quarto?

STÊNIO
Não.

O menino senta-se. Stênio puxa o celular, liga para a moça. Edson sai do quarto. Após alguns instantes--

LARA
(voz ao TELEFONE) Você ligou para a Lara. No momento, não posso--

Stênio desliga, frustrado. Edson retorna.

EDSON
As coisas dela ainda tão aqui.

CIÇA
Pai, ela foi embora?

O papa-defuntos vira-se para a filha, o rosto carregado de preocupação.

STÊNIO
Eu não sei, Ciça--

CENA 94 - I/E. CASA DE LARA - DIA

Batidas na porta ecoam pela casa vazia e revirada de Lara.

STÊNIO (O.S.)
LARA?! LARAAAA!

DO LADO DE FORA DA PORTA DA FRENTE, Stênio bate com insistência--

STÊNIO
LARA?!

-- mas não obtém resposta. Seu rosto transborda mau agouro.

CENA 95 - INT. CASA DE STÊNIO - NOITE

NA SALA, Stênio fala ao telefone--

POLICIAL-TELEFONE (OFF) (VOZ FEMININA)
Repete o número da Ocorrência?

STÊNIO
(verifica um PAPEL) 318.245/15.

POLICIAL-TELEFONE (OFF)
Ainda nenhuma atualização.

STÊNIO
E não tem mesmo como adiantar a busca?

POLICIAL-TELEFONE (OFF)
O normal é esperar 24 horas. Ela ainda não pode ser considerada como desaparecida antes disso.

NO QUARTO DAS CRIANÇAS, Edson e Ciça ouvem a conversa, aflitos.

STÊNIO (O.S.)
Mas eu falei pro Delegado: a casa dela foi invadida esses dias! Precisa botar uma urgência nisso aí! Ele deve tá correndo risco!

NA SALA, Stênio ouve a resposta--

POLICIAL-TELEFONE (OFF)
Senhor, você precisa se acalmar! Nós só podemos "estar acionando" a investigação de manhã. Até lá, infelizmente--

Stênio suspira, combalido.

POLICIAL-TELEFONE (OFF)
Alô?

STÊNIO
Deixa quieto. Eu ligo de manhã.

Stênio desliga, desanimado. Vai à

COZINHA, serve-se de uma generosa dose de CONHAQUE. Em meio a um gole, ouve BATIDAS NA PORTA DA FRENTE.

NA SALA, Stênio abre a porta, revelando --

STÊNIO
Valdir?

A expressão do colega adianta más notícias.

CENA 96 - INT. IML LESTE - NOITE

Stênio entra apressado na Sala de Autópsia, acompanhado de Valdir e Capela. Dirige-se à uma mesa de dissecação onde repousa um cadáver. Ele retira o lençol que o cobre, revelando O CORPO DE LARA.

Stênio fecha os olhos, respira pesado, tenta manter a calma.

VALDIR
Você sabe se ela tem algum familiar? Pra avisar?

Stênio dá de ombros, sem tirar os olhos da moça. Valdir e Capela percebem a consternação do colega.

VALDIR
Vou pegar os papeis pra dar entrada.

Capela e Valdir deixam o recinto. Stênio está à sós com a garota morta.

STÊNIO
(sussurra) Lara? Lara, fala comigo--

Lara abre os olhos, sofregamente. Encara Stênio. Depois olha-se, coberta sobre a mesa de autópsia.

LARA
O que aconteceu?

Valdir retorna à sala, remexe na escrivania. Stênio se cala. Na mesa, Lara levanta o pescoço, olha-se melhor.

LARA
Onde é que eu tô?-- O QUE HOVE COMIGO?!

Stênio permanece mudo, aturdido. Nisso, passos apressados se

ouvem: é VALDIR, que chega junto aos dois, mal crendo em seus olhos. Ele pasma ao ver LARA, SOBRE A MESA, FALANDO.

VALDIR

(P/ STÊNIO, estarecido) Não é possível--

Stênio olha de Lara para Valdir, confuso. Por fim, entende: ELA NÃO ESTÁ MORTA. A jovem tenta erguer-se, vê cadáveres ao redor, revira os olhos. Por fim, sucumbe a uma violenta CONVULSÃO. Valdir e Stênio, chocados, tentam conter os espasmos.

VALDIR

Segura a língua, Stênio!!!

Capela e Gouveia irrompem na sala, atraídos pelo alarido.

CENA 97 - INT. IML LESTE - DIA

Stênio espera num corredor vazio do IML. Uma porta se abre e, de uma SALA DE EXAME (utilizada para averiguações de corpo de delito), Lara é trazida por Gouveia numa cadeira de rodas. Está debilitada. Stênio a acomoda num canto, serve-lhe água, e vai até o chefe.

STÊNIO

E aí?

DR. GOUVÊIA

Ela chegou aqui sem sinais vitais: sem pulso, hipotérmica, sem batimento cardíaco. Clinicamente morta. Tá aqui o laudo.

Stênio vê os papeis.

DR. GOUVÊIA

Foi um episódio de CATALEPSIA: uma quase-morte. Coisa raríssima. Foi meu primeiro caso.

STÊNIO

Não sei se foi isso aí, não.

DR. GOUVÊIA

Quer vestir meu jaleco, doutor? Foi catalepsia sim! Só pode ter sido. Ela voltou muito desidratada. Ah, e tá AMNÉSICA também. Não lembra nem o próprio nome.

STÊNIO

O que eu faço? Levo ela pra ver alguém?

DR. GOUVÊIA

Ainda não. Eu pedi uns exames. Já fiz as coletas e um raio-x. Agora, Stênio, vem cá--

Gouveia chega junto, cara-a-cara --

DR. GOUVÊIA
O Capela me disse que essa moça cuida dos teus
filhos--

O legista olha para os lados, e pergunta, discreto--

DR. GOUVÊIA
Você confia nela?

STÊNIO
Claro! Por que?

DR. GOUVÊIA
Catalepsia tem algumas causas, mas droga no meio é a
campeã.

STÊNIO
Ela não é disso. Fica tranquilo.

Eles a olham, quieta e cabisbaixa na cadeira de rodas. E nesse
momento, Gouveia lembra-se de algo--

DR. GOUVÊIA
Peraí. Essa moça não é a filha do cara que--
Caralho, Stênio!

Stênio fecha a cara.

STÊNIO
Tá com algum problema, Gouveia?

O legista levanta os braços, sai pela tangente--

DR. GOUVÊIA
Eu, hein? Sei de nada, não!

Stênio não se convence da sinceridade do chefe, mas engole o sapo.

STÊNIO
(resmungando) Valeu. Vou nessa.

O papa-defuntos empurra a cadeira de Lara e afasta-se.

CENA 98 - EXT. CASA DE STÊNIO - DIA

Um táxi deixa Stênio e Lara em casa. A moça, ainda claramente
debilitada, é sentada na cadeira de rodas com auxílio de Stênio.
Ciça e Edson surgem à porta.

CIÇA
Lara!

A menina corre para abraçar a babá. Lara está irreponsiva, com os olhos baços, perdidos no vazio.

CENA 99 - INT. CASA DE STÊNIO - ENTARDECER

NO QUARTO DE STÊNIO, Lara repousa na cama, catatônica.

NA COZINHA, Stênio apressa-se em montar sanduíches. Edson está por perto.

STÊNIO
(p/ EDSON) -- e na geladeira tem suco. Às 10:30 você leva o remédio dela. Tá do lado do filtro. Agora, Ed, o mais importante--

EDSON
'Não abre a porta pra ninguém', já sei--

STÊNIO
Isso.

Stênio segue montando os sanduíches. Edson o fita.

EDSON
Pai-- Ela nem tá reconhecendo a gente. Tô "meio assim" da gente ficar com ela sem você.

NA SALA, Ciça liga a TV na novela, com volume no talo.

NA COZINHA,

STÊNIO
(esbraveja) Ciça, a Lara tá dormindo! (vira p/ EDSON) Ela vai ficar boa. E não precisa ficar bolado: a Lara ainda é a Lara. Se ela te estranhar, é só você ser bacana com ela. (p/ CIÇA, em OFF)
Ciça!

NA SALA, a menina segue absorta na TV. Stênio entra, puto.

STÊNIO
A TV, Ci! Baixa senão eu vou desli-

LARA (O.S.) (brada)
SERÁ QUE NINGUÉM AQUI RESPEITA O SONO DOS OUTROS?!

Stênio e os filhos se olham, estupefatos: aquela não pareceu a voz de Lara. Ato contínuo, Ciça, atrapalhada com o controle, DESLIGA A TV, em atemorizada obediência à babá.

NO QUARTO DE STÊNIO, o papa-defuntos surge à porta. Na cama, Lara jaz imóvel, com olhos abertos, sem piscar.

STÊNIO
Lara? Acordou?

LARA
(rosna) Não.

STÊNIO
Como cê tá se sentindo? Quer comer alguma coisa?

Lara senta-se, de olhos arregalados. Seus lábios se abrem num ricto bizarro.

LARA
Quem? Eu? Me deixa--

Ela desaba de volta na cama, cobre-se, ignora Stênio. O papa-defuntos estranha a atitude. Do lado de fora, um TROVÃO ribomba grave, anunciando noite chuvosa.

CENA 100 - E/I. BOATE DE PERIFERIA - NOITE

O rabeção chega, sob chuva forte, a uma boate. O local está fechado. Stênio e Valdir atravessam um tumulto de POLICIAIS, MOÇAS (dançarinas) e FUNCIONÁRIOS que aguardam para entrar.

DONO DA BOATE (P/ UM INVESTIGADOR)
Não dá pra acelerar aí, não, chegou? Cês falaram duas horas!

INVESTIGADOR (P/ STÊNIO E VALDIR)
Porra, finalmente, hein?!

NO INTERIOR DO INFERNINHO, o Investigador conduz os papa-defuntos aos fundos do salão.

VALDIR
O meu rabeção é barco agora?! São Paulo ALAGA, rapaz!

INVESTIGADOR
Fala isso pro dono lá fora-- mala pra caralho!

Eles adentram um --

CAMARIM, diminuto, insalubre. De uma janela basculante pende o corpo enforcado de uma MULHER.

INVESTIGADOR

Ela era nova aqui. Chegou de Sergipe faz só uns dias--

STÊNIO

Tsc-- Bom, pode dar entrada como suicídio, certo?

O Investigador assente.

VALDIR

Sabe onde tem uma escada?

INVESTIGADOR

Chega aí--

Stênio é deixado à sós com a defunta. Aguarda. Nisso, do alto da forca, ela abre os olhos.

PROSTITUTA MORTA

Tão bom ver gente feliz e apaixonada--

Stênio vira-se, sobressaltado. Numa voz quase infantil, a finada cantarola uma canção familiar--

PROSTITUTA MORTA

Tão bom quando o amor da gente volta-- e volta--

Nisso, o SISTEMA DE SOM do inferninho estoura em altíssimo volume, do lado de fora--

CD DE FORRÓ

(cantor completa a melodia da morta) -- E
VOLTAATAAAAAA!!!

Trata-se do FORRÓ-TEMA de Odete (apresentado nas Cenas 7 e 56). Stênio sai do recinto, e--

NO SALÃO, depara-se com um jovem atrás da mesa de som - o DJ da birosca. O papa-defuntos sinaliza para que baixe o volume.

DJ-BOATE

Foi mal aí, grande. Nós já vamo abrir--

O rosto de Stênio trai confusão: teria sido a menção à música favorita de Odete uma coincidência, ou um recado dos mortos?

CENA 101 - INT. CASA DE STÊNIO - NOITE

É alta madrugada. Stênio chega, encharcado pela chuva. Tranca a porta e guarda a chave no bolso do casaco. No que pisa na--

SALA, depara-se com algo atípico: Lara está acordada, enrolada em uma manta. Assiste a um filme SEM SOM - um thriller violento /

sexual, à la "Coração Satânico".

A moça demora a alternar a atenção, da TV para Stênio. No que o nota, levanta-se. Revela-se nua, salvo por uma longa camisola que realça-lhe as formas. Stênio estaqueia. Lara beija-o. O papa-defuntos recebe o assédio com prudência--

STÊNIO

Lara-- Olha, as crian--

Ele o cala com novo beijo. Stênio fecha os olhos, rendido. Finda a carícia, a moça recua--

LARA

Vem.

-- e some na escuridão do corredor.

NO QUARTO DE STÊNIO, a única luz é a dos relâmpagos da chuva lá fora.

Stênio entra. Lara o espera sob os lençóis. Tímido, ele acaricia os cabelos da moça. Ela ajuda-o a despir-se do CASACO MOLHADO. Ato contínuo, lança-se sobre ele em beijos e mordidas agressivas. Stênio tenta adaptar-se ao imoderado jogo da garota.

Lara desaparece sob os lençóis, assumindo as preliminares. Mesmo inebriado pelas sensações do momento, Stênio estremece à visão de algo sugestivo. A imagem de LARA COBERTA PELOS LENÇÓIS desperta nele uma recordação--

INSERT FLASHBACK DA CENA 76, QUARTO DE STÊNIO:

Stênio relembra a alucinante noite em que flagrou um invasor (supostamente Odete) ESCONDIDO SOB OS LENÇÓIS, entre Ciça e Edson.

VOLTA PARA:

QUARTO DE STÊNIO, NO PRESENTE, sem pestanejar, Stênio ergue os lençóis e vislumbra, num átimo, o rosto de Lara transmutado no rosto de Odete.

STÊNIO

Não--

O espírito da esposa morta, revela-se, está de posse do corpo da jovem. Flagrada, Lara/Odete esbofeteia Stênio com força descomunal.

No que torna a encarar a agressora, Stênio vê que é a figura de LARA, quem assoma sobre ele novamente. Ela puxa, de sob os lençóis, a mesma FACA que Odete ordenou-lhe usar para assassinar a

babá (Cena 85). Tudo indica que Stênio será atacado. Ele luta para contê-la.

STÊNIO
Não! Me dá isso! Solta!!!

Porém, para sua surpresa, Lara desfere breves perfurações contra si própria. Seu olhar transborda loucura. Após flagelar-se, ela interpela Stênio, com a VOZ DE ODETE--

LARA/ODETE
(grunhe, zomba) Por que você tá fazendo isso com a menina, Stênio?

Stênio empalidece.

STÊNIO
Não-- NÃO! Sai dessa casa! Agora!

Stênio arremete contra Lara/Odete. Ambos desabam da cama. O papa-defuntos levanta-se. Sua oponente, tomada de fúria, talha cortes em suas mãos e braços.

Stênio recua. Tenta deixar o quarto. Nisso, as portas e janelas, impelidas por comando paranormal de Lara/Odete, lacram-se. Ele vira-se para a jovem possuída. E eis que--

LARA
(com SUA PRÓPRIA VOZ) Stênio?

Ele percebe que a postura da jovem mudou: está débil, vergada. Lara olha em choque para a faca e para o corpo ferido.

LARA
(suplica) STÊNIO!!!

O papa-defuntos ergue e mão--

STÊNIO
Não chega mais perto!

Lara paralisa. Stênio a escrutina. Busca confirmar com quem está lidando: se com LARA, ou com o espírito malévolo de ODETE. Lara desaba em prantos, deixa cair a faca. Stênio, então, arrisca: apressa-se a acudi-la.

NO QUARTO DAS CRIANÇAS, Ciça desperta com o choro da babá. Ela corre para a cama de--

CIÇA
(sacode o IRMÃO) Edson! Ed! Acorda!

O menino senta-se, alarmado.

NO QUARTO DE STÊNIO, o choro de Lara arrefece. A possessão parece ter cessado. O papa-defuntos busca os olhos da moça. No que os encontra, contudo, a momentânea fragilidade de seu semblante dá lugar a um esgar de ódio. Stênio foi enganado: Odete ainda domina o corpo de Lara.

Num bote traiçoeiro, Lara/Odete agarra o pescoço de Stênio. Lançado ao chão, ele se debate - está em franca desvantagem contra a força da esganadura.

LARA/ODETE
Sabe porque eu tô aqui? Porque tudo que você faz é porco!

Stênio luta sob as garras da agressora.

LARA/ODETE
Não era pra deixar nada para trás!

O rosto se azula com a asfixia.

LARA/ODETE
Você já vai apagar. E quando acordar--

Lara/Odete grunhe um riso zombeteiro.

LARA/ODETE
-- alguém vai ter trucidado o Edson e a Ciça!

Mantendo Stênio sob forte esganadura com uma mão, Lara/Odete alcança a FACA no chão com a outra.

LARA/ODETE
Ou então você passa essa vagabunda na faca--

As defesas de Stênio reduzem em ímpeto.

LARA/ODETE
-- eles vêem quem é o pai deles, de verdade--

Odete sorri um ricto macabro.

LARA/ODETE
-- e eu sumo!

Stênio usa sua última energia para empunhar a faca. Lara/Odete relaxa o estrangulamento. Ainda sob o peso de agressora, o papa-defuntos encosta a lâmina no pescoço da jovem possuída.

LARA/ODETE
Isso-- seja homem!

Stênio crispa os dedos no cabo. É agora ou--

NUNCA! - Stênio abaixa a faca, lança-a longe. Ele não vai matar Lara.

LARA/ODETE
Você-- VERME!!!

Lara/Odete retoma o estrangulamento com cólera redobrada. Stênio está prestes a desmaiar. Nisso,

CIÇA (O.S.)
Mãe?

Lara/Odete estanca o estrangulamento e vira-se. A porta do cômodo é aberta, e descortina a diminuta figura de CIÇA.

CIÇA
(suplica, em lágrimas) Não machuca o pai! Por favor-- mãe--

Mãe e filha se olham. Lara/Odete bufa como uma fera. O tempo congela. Nisso,

O impasse é interrompido por EDSON que, surgido do nada, salta aos gritos contra a alçóvão do pai. Lara/Odete é impelida de sobre Stênio, possibilitando sua liberação. Sem perder tempo, a agressora domina e lança o menino contra uma parede com força monstruosa. Ciça grita.

LARA/ODETE
Então é assim que você recebe a tua mãe, pirralho de merda?!

Ela assoma sobre o filho.

LARA/ODETE
A coisa por aqui anda muito mole.

Lara/Odete arrasta Edson até a porta e prende-o ao chão com um pé no peito. O menino geme, atordoado. A agressora posiciona a cabeça do filho entre a porta e o batente.

LARA/ODETE
Povo aí da rua é que tá certo: cê tá precisando levar um couro!

Lara/Odete escancara a porta, pronta a esfacelar o crânio do filho. No derradeiro instante, porém, o abate é impedido: A mão da infanticida é cravada na madeira por um golpe de faca certo.

O autor do salvamento foi STÊNIO. Apesar de combalido, ele logra

afastar Edson da agressora, toma Ciça nos braços e desabala-se para fora do recinto. Lara/Odete, colérica, luta para livrar a mão e dar-lhes caçada.

NA SALA, Stênio e os filhos encontram a porta da frente fechada. O papa-defuntos apalpa os bolsos em busca das chaves. Em vão. Nisso, um TILINTAR METÁLICO, ritmado, ouve-se na escuridão do corredor. Lara/Odete surge, vinda dos fundos, chocalhando o molho de chaves com a mão ensanguentada.

LARA/ODETE
(zomba) Outro serviço porco?

Os fugitivos e Lara/Odete encaram-se.

STÊNIO
Olha pros teus filhos, Odete.

LARA/ODETE
Você acha que do lado de cá existe amor?!

As crianças agarram-se ao pai, em lágrimas. Odete atira a faca ao pés de Stênio.

LARA/ODETE
Acabou. Hoje você sangra ela-- ou eu sangro todo mundo!

Stênio meneia a cabeça em recusa. Num golpe de vista, ele vê uma porta aberta nas cercanias: a do BANHEIRO. Agarrando as crianças, ele dispara para lá. Lara/Odete faz o mesmo.

NO BANHEIRO, Stênio e os filhos desabam-se no chão frio. Lara/Odete surge, mas Stênio, num arranque, arremete contra a porta. A agressora prorrompe um braço para dentro, impedindo o fechamento. Em lados opostos da porta, os dois digladiam: ela para invadir; ele para bloqueá-la. Em meio ao embate, Stênio agarra a mão da adversária, e espanta-se, ao ver, num dos dedos-- A INDEFECTÍVEL ALIANÇA DA ESPOSA MORTA. O tempo ralenta para Stênio, à visão daquele objeto.

Flagrada em seu ardil, Lara/Odete também pausa a peleja. Stênio, boquiaberto, balbucia--

STÊNIO
(para si mesmo) Nada pode ficar--!!

O conflito se inverte: o papa-defuntos tenta arrancar a aliança do dedo da invasora. Lara/Odete, agora, luta para livrar o braço, e evitar a subtração da joia. Sua mão frenética desfere um arranhão no rosto de Stênio. Atordoado, ele acaba soltando-a. Odete recua, desbloqueando a porta. Stênio tranca-a, sem vacilar.

NO CORREDOR, Lara/Odete esmurra a porta.

LARA/ODETE
Ciça! Edson!

NO BANHEIRO, as crianças ouvem

LARA/ODETE (o.S.)
Tem um monstro nessa casa, e não sou eu. É esse
homem! Esse que vocês chamam de pai!

NO CORREDOR, Lara/Odete dirige-se aos--

CENA 102 - EXT. CASA DE STÊNIO/ FUNDOS - NOITE

A chuva prossegue. Lara/Odete vai até o pequeno--

BANHEIRO DE FUNDOS, atulhado de velharias e ferramentas. Ali encontra o MACHADO DE STÊNIO (o mesmo utilizado na Cena 35 para demolir o sofá).

CENA 103 - INT. CASA DE STÊNIO - NOITE

NO BANHEIRO, Stênio e as crianças refugiam-se em silêncio. O papa-defuntos cola o ouvido à porta.

EDSON
Ela foi embora?

STÊNIO
Não sei.

EDSON
Pai? Por que a Lara tá assim? E a mãe--

O olhar do menino volta-se para dentro, confuso.

EDSON
A mãe tá dentro dela! Como a mãe--? E por que ela tá
fazendo isso com a gente?

Stênio mente--

STÊNIO
Eu não sei, filho!

Uma quietude grave toma conta do recinto. Todos esperam. Nisso,

A CABEÇA METÁLICA DO MACHADO ESFACELA A MADEIRA DA PORTA, NA
ALTURA DA FECHADURA.

As crianças gritam e agarram-se ao pai. Poucos golpes são necessários para finalizar o arrombamento.

Lara/Odete, machado em punho, entra e parte para o ataque: desfere golpes violentos na direção de CIÇA E EDSON.

STÊNIO
NÃO!!!

Stênio desvia os pequenos por questão de centímetros. As machadadas despedaçam a pia, o box, os azulejos em volta. Lara/Odete é pura fúria e histeria.

Sem opção, o papa-defuntos bate-se contra a agressora, lutando pela posse da arma. Os dois desabam no --

CORREDOR, onde o machado desprende-se na luta, e cai próximo a eles. Lara/Odete arrasta-se para pegá-lo, tomando a dianteira. Stênio agarra-a, esforçando-se para atrasá-la e ultrapassá-la. De braços esticados e dedos espalmados, Lara/Odete já toca o cabo do instrumento. Porém, antes que o empunhe--

Stênio, num salto, agarra o dedo que enverga a ALIANÇA. Sem pestanejar, ele vira-o, com força, fraturando-o com um estalo aterrador.

Lara urra, com a voz de Odete. E, em sincronia com a ágil retirada da aliança por Stênio, o grito remodela-se: a voz de Odete dá lugar à de LARA.

A possessão terminou. Lara encolhe-se num canto, ferida.

O espectro de Odete - um VULTO - surge do lado de fora da janela do banheiro. Está banida da casa, mas permanece à espreita. Stênio - e somente Stênio, através de seu dom - registra sua presença. Ele brande a aliança.

STÊNIO
Nessa casa você não entra mais! Ouviu?!

O fantasma permanece impassível. Lara, gemendo, demonstra confusão ao ver Stênio mostrando aquele anel "a ninguém".

ODETE
(p/ STÊNIO) Eu posso não entrar. Mas, e você? Você pode sair?

Stênio estremece com a ameaça. Nisso,

LARA
Stênio?

Lara inspeciona-se, apavorada. Ato contínuo encara Stênio.

LARA

O que aconteceu? O QUE VOCÊ FEZ COMIGO?!

Ciça e Edson, reconhecendo a voz de Lara, correm para a babá.

CIÇA

Lara!

Como um animal protegendo as crias, Lara acolhe os pequenos e afasta-os de Stênio.

STÊNIO

Ela tá com a gente aqui, Lara.

LARA

Quem?

STÊNIO

A Odete. Ela tá aqui, e ela tomou conta do seu corpo.

Lara meneia a cabeça, rejeitando a revelação.

LARA

Você é louco-- LOUCO!!!

O papa-defuntos se aproxima com cautela.

LARA

Não chega perto da gente!

Nesse instante, Edson toma o rosto de Lara.

EDSON

(em lágrimas) Ele tá falando a verdade.

Lara olha o menino, confusa.

EDSON

Ela-- tava dentro de você. Acredita na gente-- por favor--

Lara cai em prantos. Edson e Ciça a abraçam. Do lado de fora, O vulto ameaça.

ODETE

Eu vou esperar, Stênio. Eu tenho tempo.

STÊNIO

Cala a boca!

Lara e as crianças assustam-se com o grito de Stênio. Voltam-se

para a direção onde ele gritou: a JANELA. Para eles não há ninguém ali, exceto algo curioso--

ODETE
Você me apagou-- feito sujeira.

Conforme Odete fala, sua "respiração" bafeja e condensa do lado de fora do vidro.

LARA
Você tá falando com--? Não-- Não!

E onde a condensação se acumula, O VIDRO TRINCA. Apesar do espectro estar visível somente para Stênio, TODOS presenciam este pequeno fenômeno.

ODETE
(p/ STÊNIO) Você acha justo eu te deixar viver em paz?

Stênio respira fundo. Por fim--

STÊNIO
(resigna-se) Não. Não é justo, Dete.

Stênio volta-se para Lara e os filhos, ainda encolhidos num canto.

STÊNIO
Lara-- Eu sou um assassino. Eu cometi um erro, grave. E eu não posso mais fugir--

LARA
Do que você tá falando, Stênio?

STÊNIO
Aqui não é mais meu lugar. Eu-- Eu matei a Odete e o Jaime. Eu sou o culpado. E nem Deus pode me perdoar.

Lara paralisa, trêmula.

LARA
Stênio, você não tá bem. Todo mundo aqui sabe quem matou a Odete e o meu pai!

STÊNIO
Mas ninguém sabe quem mandou aqueles caras atrás deles.

Lara, Ciça e Edson pasmam, lívidos.

STÊNIO
Eu tava cego de ódio. E é por isso que ela tá aqui. Ela quer a verdade.

Ele vira-se para a janela.

STÊNIO
Pronto, Odete. Eles sabem.

Tudo agora é silêncio. Edson e Ciça contemplam o pai em lágrimas. Lara absorve a terrível confissão. Nisso, Um urro de Odete faz com que os vidros da janela se pulverizem numa chuva de cacos. Todos gritam de susto. Lara e as crianças se comprimem ainda mais no canto.

LARA
(p/ a presença invisível de Odete) SOME DAQUI!!!
(vira-se p/ STÊNIO) Some--

Stênio põe-se de pé. Olha para o espectro de Odete do lado de fora.

STÊNIO
Essa cruz é minha, Lara. Eu não posso mais proteger vocês.

LARA
Vai embora, por favor--

EDSON
Não, Pai!

Lara agarra Edson forte, não o deixa ir até o pai.

STÊNIO
Cuida deles.

A despeito da decepção que estampa seu rosto, Lara abraça forte as crianças.

LARA
SAI!!!

Ciça esperneia, tenta levantar-se. Lara a contém.

CIÇA
Pai! Paaaai!

STÊNIO
O pai ama vocês.

Ele vira-se e sai.

NA SALA, junto à porta da frente, ele ouve os protestos dos filhos no banheiro uma última vez. Encontra as CHAVES no chão. Sai da casa, fechando a porta.

CENA 104 - EXT. CASA DE STÊNIO - AMANHECER

A chuva parou. Stênio depara-se com o fantasma de Odete esperando-o. Está parada no meio da rua. Ainda junto à porta de casa, o papa-defunto a encara, limpa as últimas lágrimas. Ato contínuo, retira a ALIANÇA DE ODETE do bolso, e coloca-a no PRÓPRIO DEDO, trêmulo.

STÊNIO
(p/ ODETE) Vamo.

Stênio ganha a rua. Distancia-se da casa. Odete o segue. Conforme se afasta mais, ele não percebe, às suas costas, que-

DAS ESQUINAS, surgem outros fantasmas cuja morte causou (ou cuja confiança traiu): DENTINHO, JONAS, SUJO e JAIME. Eles juntam-se a Odete.

Stênio aperta o passo, quase correndo. Seus perseguidores também.

FIM

(c) Dennison Ramalho e Cláudia Jouvin, 2016-2018
Casa de Cinema de Porto Alegre
<https://www.casacinepoa.com.br>